

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS CAMPUS OURO PRETO  
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

ALEX ALVES PEREIRA

**ESTUDO DE CASO SOBRE AS CORES NA ARQUITETURA ECLÉTICA EM OURO  
PRETO E SUAS RELAÇÕES COM A CIDADE**

Ouro Preto

2024

ALEX ALVES PEREIRA

**ESTUDO DE CASO SOBRE AS CORES NA ARQUITETURA ECLÉTICA EM OURO  
PRETO E SUAS RELAÇÕES COM A CIDADE.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto para obtenção do grau de especialista em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Régis Eduardo Martins.

Ouro Preto

2024

---

P436e

Pereira, Alex Alves.

Estudo de caso sobre as cores na arquitetura eclética em Ouro Preto e suas relações com a cidade [manuscrito] / Alex Alves Pereira. – 2025.  
70 f. : il.

Orientador: Régis Eduardo Martins.

Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2025.

1. Eclétismo na arquitetura. 2. Cor. 3. Políticas públicas. I. Martins, Régis Eduardo. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 72(815.1)

---

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS  
Campus Ouro Preto  
Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação  
Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural  
Rua Pandiá Calogeras - Bairro Bauçita - CEP 35400-000 - Ouro Preto - MG  
- www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALEX ALVES PEREIRA

ESTUDO DE CASO SOBRE AS CORES NA ARQUITETURA ECLÉTICA EM OURO PRETO E SUAS RELAÇÕES  
COM A CIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto, como parte dos requisitos para a obtenção do título de ESPECIALISTA EM GESTÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL.

Aprovado(a) em 11 de outubro de 2024, pela Banca Examinadora:

Prof. Dr. Regis Eduardo Martins - IFMG *Campus* Ouro Preto - Orientador(a)

Prof. Dr(a). Larissa Camilo de Souza Lima e Silva - IFMG *Campus* Ouro Preto

Prof. Dr(a). Liliane Márcia Lucas Sayegh

Ouro Preto, 14 de outubro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Régis Eduardo Martins, Professor**, em 14/10/2024, às 15:51, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Liliane Márcia Lucas Sayegh, Usuário Externo**, em 19/12/2024, às 14:34, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Larissa Camilo de Souza Lima e Silva, Professora**, em 20/01/2025, às 15:47, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **2071577** e o código CRC **DF89B390**.

## **RESUMO**

Este trabalho avalia as condições dos edifícios de tipologia eclética, os quais, apesar de estarem em menor número no conjunto, desempenham papel de destaque devido às características marcantes e às posições de relevância que ocupam no traçado urbano da cidade. Os edifícios dos períodos colonial, modernista e eclético exercem papel fundamental na cronologia histórica do desenvolvimento de Ouro Preto. As cores desses edifícios preservam momentos singulares e refletem as concepções de projeto elaboradas em diferentes períodos, evidenciando as tecnologias, pigmentos e matizes utilizados ao longo da história. O objetivo deste trabalho é elaborar um estudo de caso sobre as condições e influências que os edifícios ecléticos sofrem ao longo do tempo, com ênfase nas cores aplicadas, além de correlacionar os contextos que a cidade impõe sobre o tema.

Palavras-Chave: Ecletismo. Cor. Políticas públicas. Ouro Preto. Cidade. Conservação e restauro.

## **ABSTRACT**

This study evaluates the conditions of eclectic-style buildings, which, despite being fewer in number within the ensemble, play a prominent role due to their distinctive characteristics and the significant positions they occupy in the urban layout of the city. Buildings from the colonial, modernist, and eclectic periods hold a fundamental role in the historical chronology of Ouro Preto's development. The colors of these buildings preserve unique moments and reflect the design concepts conceived in different periods, highlighting the technologies, pigments, and hues used throughout history. The aim of this study is to develop a case study on the conditions and influences that eclectic buildings undergo over time, with an emphasis on the applied colors, while also correlating the contexts imposed by the city on this subject.

**Keywords:** Eclecticism. Color. Public policies. Ouro Preto. City. Conservation and restoration.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Esquema de absorção e reflexão das cores na superfície pigmentada. ....	12
Figura 2 - Espaço tridimensional, representando no eixo vertical as cores preto e branco com as demais cores representadas no círculo horizontal. ....	14
Figura 3- Círculo cromático de tonalidades a esquerda e gráfico de nuances a direita da imagem. ....	15
Figura 4 - A notação de cor NCS S 1040-R20B caracteriza-se pela nuance 1040, indicando 10% de escuridão e 40% de cromaticidade. A tonalidade especificada por R20B representa uma cor predominantemente vermelha (R) com a adição de 20% de azul (B). ....	15
Figura 5 - Mapa de Localização das Tipologias. ....	34
Figura 6 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC1, ano 2024. ....	35
Figura 7 - Vista em perspectiva da fachada do edifício OPC1, ano 2009. ....	35
Figura 8 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC2, ano 2009. ....	36
Figura 9- Vista frontal da fachada do edifício PC2, ano 2024. ....	36
Figura 10 - Vista da fachada do edifício PC3, ano 2009. ....	37
Figura 11 - Vista da fachada do edifício PC3, ano 2012. ....	37
Figura 12 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC3, ano 2024. ....	38
Figura 13 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC4, ano 2009. ....	39
Figura 14 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC4, ano 2024. ....	39
Figura 15 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC5, ano 2009. ....	41
Figura 16 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC5, ano 2014. ....	41
Figura 17 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC5, ano 2024. ....	41
Figura 18 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC6, ano 2009. ....	42
Figura 19 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC6, ano 2024. ....	42
Figura 20 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC7, ano 2024. ....	43
Figura 21 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC7, ano 2009. ....	43
Figura 22 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC8, ano 2024. ....	44
Figura 23 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC8, ano 2009. ....	44
Figura 24- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC1, ano 2024. ....	46
Figura 25- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC1, ano 2009. ....	46
Figura 26- Vista em perspectiva da fachada do edifício PC8, ano 2024. ....	47
Figura 27- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC2, ano 2009. ....	47
Figura 28- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC3, ano 2009. ....	48

Figura 29- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC3, ano 2024.....	48
Figura 30- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC4, ano 2009.....	48
Figura 31- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC4, ano 2024.....	48
Figura 32- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC5, ano 2009.....	49
Figura 33- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC5, ano 2024.....	49
Figura 34- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC6, ano 2024.....	50
Figura 35- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC6, ano 2009.....	50
Figura 36- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC7, ano 2024.....	50
Figura 37- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC7, ano 2009.....	50
Figura 38- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC8, ano 2024.....	51
Figura 39- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC8, ano 2009.....	51
Figura 40- Edifício da rua Antônio de Albuquerque, ano 2024. ....	52
Figura 41- Edifício da rua Antônio de Albuquerque, ano 2009. ....	52
Figura 42- Vista parcial em perspectiva do edifício da rua Antônio de Albuquerque para o seu entorno. ....	53
Figura 43- Vista em perspectiva do edifício da rua Antônio de Albuquerque para o entorno. ....	53
Figura 44- Vista em perspectiva do edifício situado na rua Conselheiro Rocha, ano 2014. ....	54
Figura 45- Vista em perspectiva do edifício situado na rua Conselheiro Rocha, ano 2009. ....	54
Figura 46- Vista em perspectiva do edifício situado na rua Conselheiro Rocha, ano 2023. ....	54
Figura 47- Vista em perspectiva do edifício situado na rua Conselheiro Rocha, ano 2019. ....	54

### **LISTA DE TABELA**

Tabela 1: tabela de análise das variantes. ....	57
---	----

### **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Estado de Conservação dos edifícios por tipologia.....	58
Gráfico 2: Tipologias com presença de alteração.....	59
Gráfico 3: estado de conservação, tipo de uso e presença de alteração.....	60
Gráfico 4: estado de conservação, localização e presença de alteração. ....	61
Gráfico 5: tipo de uso e fidelidade. ....	62

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A COR E A LUZ.....	10
2.1 A Cor e a Cidade.....	16
2.3 A Relação da Cor e Sua Preservação.....	18
3. O CONTEXTO ECLÉTICO E SUAS CORES.....	22
4. REFERENCIAS INTERNACIONAIS DE PLANEJAMENTO DA COR.....	25
5. POLÍTICA DE PLANEJAMENTO DA COR NOS CONTEXTOS NACIONAL, REGIONAL E MUNICIPAL.....	28
6. ANÁLISE DA COR E SUA APLICAÇÃO NOS ÚLTIMOS 14 ANOS NOS EDIFÍCIOS ECLÉTICOS DE OURO PRETO.....	30
6.1 Pastiche Compositivo.....	34
6.2 Ecletismo de Catálogo.....	45
6.3 Outros Casos a Destacar.....	51
6.4 Análise urbana das edificações.....	55
7. ANALISE DAS VARIANTES.....	57
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
9. REFERÊNCIAS.....	66

## 1. INTRODUÇÃO.

A pesquisa desenvolvida neste trabalho apresenta uma análise sobre alterações cromáticas em edificações ecléticas em um contexto urbano singular, como o da cidade de Ouro Preto. Dada a complexidade e especificidade do tema, as referências bibliográficas adotadas concentram-se no estudo da cor aplicada às superfícies arquitetônicas, com ênfase nas questões de sua conservação. A obra *Cor e Cidade Histórica*, do professor José Aguiar, destaca-se como uma fonte fundamental para a construção e adaptação do estudo ao contexto da arquitetura eclética

Para Florenzano e Ribeiro (2020), observa-se em diversos casos, que as alterações nas cores das superfícies arquitetônicas afetam significativamente a percepção estética dos edifícios. Conforme aponta a teoria da Gestalt<sup>1</sup>, forma e cor são elementos inseparáveis, de modo que as formas de muitos edifícios se tornam difíceis de interpretar quando a composição cromática está desconexa de sua linguagem arquitetônica.

Este trabalho parte da hipótese de que os edifícios ecléticos, em menor número na Zona de Proteção Especial (ZPE), que preserva as tipologias do núcleo urbano, são fortemente influenciados pelas dinâmicas de preservação do conjunto urbano presente no Centro da cidade, especialmente no que se refere à aplicação de suas cores. As interações com a arquitetura luso-brasileira, os tipos de uso, as legislações direcionadas à aplicação cromática e os locais em que estão inseridos podem contribuir para que esses edifícios percam a expressão de suas características cromáticas, para se adaptar ao meio onde estão inseridos.

A realização deste estudo fundamenta-se na relevância da cor como elemento essencial para a preservação do patrimônio arquitetônico e cultural de Ouro Preto, especialmente no caso dos edifícios ecléticos, que desempenham um papel significativo na identidade histórica da cidade. A análise das escolhas cromáticas e do uso das cores nesses edifícios, bem como das políticas que regem sua conservação, é indispensável para assegurar a manutenção da autenticidade e integridade do patrimônio arquitetônico local.

---

<sup>1</sup>Gomes Filho (2002) explica que a Gestalt, como um ramo da psicologia, dedica-se ao estudo e à análise da percepção das formas. Essa abordagem sustenta que não existem valores absolutos para cor ou forma, uma vez que os elementos são compreendidos exclusivamente em suas relações contextuais. Assim, a percepção das formas só é possível quando estão associadas à cor, e a cor, por sua vez, só é plenamente apreendida em relação às formas.

A seleção das cores empregadas nos edifícios ecléticos de Ouro Preto transcende a dimensão estética, configurando-se também como uma manifestação da cultura, das tradições e das transformações sociais ocorridas ao longo dos séculos. As tonalidades aplicadas nas fachadas desses imóveis não apenas contribuem para a valorização visual do conjunto, mas também carregam profundos significados simbólicos e históricos. Elas refletem os estilos arquitetônicos predominantes de diferentes períodos, além das influências culturais que moldaram a identidade da cidade, suas referências espaciais e afetivas.

Entretanto, as intervenções nas edificações, que deveriam ser conduzidas de forma preventiva, têm se tornado uma problemática crescente, comprometendo a memória e a autenticidade do conjunto eclético da cidade. A frequência e a inadequação dessas intervenções, muitas vezes realizadas de forma descuidada e em desacordo com os parâmetros legais, têm gerado transformações significativas, colocando em risco o caráter histórico desses edifícios.

Dessa forma, esta investigação justifica-se pela necessidade de documentar a situação atual das cores nos edifícios ecléticos.

O objetivo geral deste trabalho consiste em realizar um estudo de caso sobre a cor aplicada em edifícios ecléticos específicos situados no centro da cidade de Ouro Preto. Já os objetivos específicos deste trabalho são compreender como a cor e seus matizes se estabelecem em diferentes condições de captura e nos ambientes em que estão inseridos, levando em consideração fatores como iluminação, passagem do tempo e o contexto urbano. Além disso, busca-se demonstrar referências na aplicação dos planos de cor por meio da análise de exemplos concretos onde essas práticas foram implementadas. Também se pretende entender as políticas de preservação relacionadas à aplicação da cor em distintas tipologias arquitetônicas e edifícios na cidade de Ouro Preto, avaliando as diretrizes e regulamentações atualmente vigentes. Por fim, objetiva-se demonstrar, por meio de análises comparativas, a situação cromática atual dos edifícios de estilo eclético.

A metodologia adotada neste trabalho baseia-se em um modelo comparativo, que utiliza arquivos digitais dos últimos 15 anos disponíveis na plataforma Google Street View, complementados por registros fotográficos obtidos por levantamentos de campo. Inicialmente, foram delimitadas áreas específicas dentro da Zona de Proteção Especial (ZPE). Essas delimitações priorizaram regiões com maior concentração de tipologias ecléticas no Centro da sede do município, visando otimizar o levantamento e a análise. Para facilitar a interpretação e a análise das informações coletadas, foram estabelecidas classificações dentro da tipologia eclética, além de variantes dessas classificações, com o objetivo de possibilitar o cruzamento de dados e reflexões fundamentadas a partir das análises realizadas.

Na primeira parte do trabalho, introduz-se a relação entre cor e luz, abrangendo tanto aspectos objetivos, como os princípios básicos do estudo da luz sob a perspectiva da física, química e fisiologia, quanto aspectos subjetivos, com explicações psicológicas e sensoriais sobre o tema. Esse recorte é essencial para compreender o desenvolvimento do estudo, que se fundamenta em análises comparativas de imagens provenientes de bancos de dados e levantamentos realizados *in loco*. Adicionalmente, explora-se o método cientificamente empregado para a análise de cor, bem como a relação da cor com a cidade, enfatizando seus pigmentos, texturas e tradições consolidadas ao longo do tempo.

No capítulo 3, o foco permanece nas relações das cores, direcionando-se especificamente para a tipologia abordada neste estudo. São apresentadas informações sobre as construções ecléticas em grandes centros urbanos e em pequenas cidades do interior do Brasil, destacando suas características particulares. Além disso, são analisadas as construções ecléticas na cidade de Ouro Preto, explorando suas especificidades.

No capítulo 4, apresentam-se referências internacionais de trabalhos voltados à preservação das cores, destacando como diferentes abordagens foram adaptadas aos contextos regionais e se desenvolveram ao longo do tempo. Exemplos emblemáticos incluem iniciativas realizadas em grandes cidades, como Budapeste e Turim, que ilustram a aplicação dessas ideias em cenários urbanos distintos.

Em seguida, aborda-se o contexto regional e a realidade das políticas de cores, com foco nos órgãos reguladores. A análise percorre diversas esferas e demonstra como essas políticas direcionam o tratamento da preservação e uso das cores na cidade de Ouro Preto.

No capítulo 6, dedicado à metodologia e desenvolvimento do trabalho, define-se o processo de análise comparativa, que será realizado com base em dados da ferramenta Google Maps e registros realizados *in loco*. A classificação tipológica dos edifícios ecléticos também é abordada, delimitando as áreas de atuação dentro da sede do município. As análises críticas serão desenvolvidas em diálogo com as delimitações pré-estabelecidas.

No último capítulo, foram definidas variantes para que as informações levantadas pudessem ser sistematizadas por meio de gráficos e de uma tabela central, com o objetivo de extrair dados relevantes. Esse processo visa organizar e facilitar a interpretação dos resultados, permitindo uma compreensão mais clara e detalhada das relações entre as cores e as relações com a cidade de Ouro Preto, sendo finalizado com as considerações finais.

## **2. A CORE A LUZ.**

A cor pode ser analisada a partir de duas vertentes científicas principais, que abordam o tema de maneira objetiva e subjetiva, complementando-se devido à sua complexidade intrínseca. A vertente objetiva inclui campos como a física e a química, que se aprofundam em áreas correlatas, como biofísica, bioquímica e fisiologia. Por outro lado, a vertente subjetiva abrange análises relacionadas às reações estimuladoras e percepções, exploradas por disciplinas como psicologia, arte, biologia e outras áreas que investigam os aspectos sensoriais e interpretativos da cor (AGUIAR, 2005).

Em uma abordagem inicial sobre os princípios fundamentais da cor, conforme a perspectiva de Pedrosa (2022), observa-se que a cor não está intrinsecamente vinculada ao objeto físico, assim como a forma e o tamanho. Trata-se, na verdade, de uma sensação originada pela incidência da luz, como destaca o autor:

A cor não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz – mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado, portanto, à existência de dois elementos: a luz (objeto físico, agindo como estímulo) e o olho (aparelho receptor, funcionando como decifrador como fluxo luminoso, decompondo-o ou alterando-o através da função seletora da retina). (PEDROSA (2022, p.17).

Complementando a ideia apresentada por Pedrosa, Aguiar (2005) destaca que a sensação das cores é significativamente influenciada pela interferência da matéria e pela constituição molecular dos materiais, bem como pelas propriedades de absorção do meio em relação à radiação luminosa emitida. Assim, o estímulo luminoso, mesmo desprovido de cor intrínseca, pode variar de acordo com a forma como o material interage com a luz, refletindo-a ou transmitindo-a.

No caso de objetos com superfícies opacas, a luz é refletida de maneira difusa, influenciando a percepção visual. Já para materiais translúcidos ou parcialmente opacos, o efeito ocorre por meio da transmissão da luz, que atravessa o material, modificando a sensação cromática percebida. Essas interações ressaltam como os aspectos físicos da matéria afetam diretamente a experiência sensorial das cores.

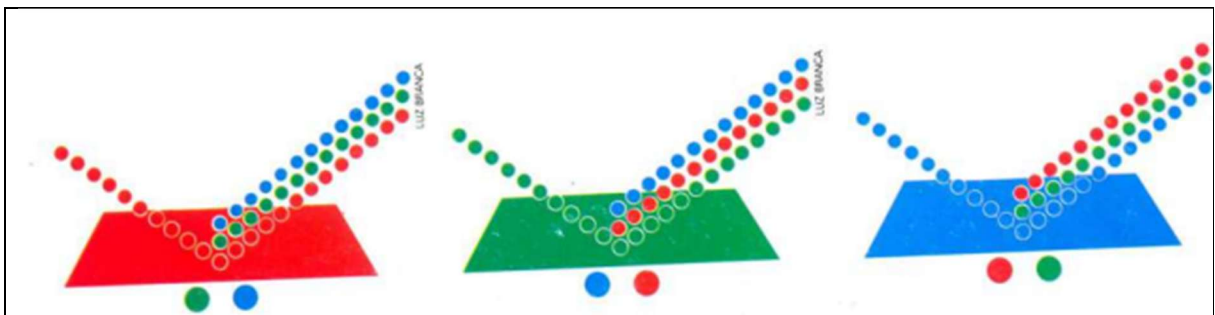
Entre os estímulos que provocam as sensações cromáticas, classificam-se dois grupos principais: as cores-luz e as cores pigmentos, considerados fundamentais para a compreensão das percepções discutidas nos capítulos seguintes desta investigação.

A cor-luz, também chamada de luz colorida, constitui uma radiação luminosa visível, cujo matiz corresponde à luz branca. Sua principal representação é a luz solar, que abrange

todas as nuances existentes na natureza. Essas nuances se reduzem a faixas monocromáticas primárias, como azul, vermelho e verde. Quando sobrepostas, essas faixas primárias geram as cores secundárias, e a combinação das três cores primárias resulta na luz branca, caracterizando o fenômeno da síntese aditiva das cores. Embora o espectro de radiações solares seja amplo, apenas uma faixa restrita, situada entre os raios ultravioletas e infravermelhos, é visível ao olho humano (PEDROSA, 2022)

A cor pigmento refere-se às tonalidades percebidas a partir da reflexão da luz sobre os objetos nos diferentes ambientes. O que determina a percepção visual são os distintos tipos de superfícies, que possuem a capacidade de absorver, refratar ou refletir as cores incidentes, dependendo das propriedades químicas e físicas do material em contato com a luz. Ao descrever um objeto como verde, por exemplo, indica-se que ele absorve quase todas as ondas produzidas pela luz branca, refletindo para os olhos apenas o comprimento de onda correspondente à cor verde (PEDROSA, 2022).

Figura 1- Esquema de absorção e reflexão das cores na superfície pigmentada.



Fonte: Pedrosa, 2022.

Além dos fatores físicos e fisiológicos discutidos até o momento, o desenvolvimento da percepção da cor apresenta um nível de complexidade ainda maior. Esse entendimento ultrapassa os aspectos da cor-luz e da cor-pigmento, incorporando elementos psicológicos que influenciam significativamente a maneira como a cor é percebida.

De acordo com Pedrosa (2022), a percepção da cor não se restringe às propriedades físicas e fisiológicas, mas envolve também processos psicológicos que afetam a interpretação visual dos elementos sob diferentes projeções de matizes. Por exemplo, um objeto originalmente branco, cuja tonalidade permanece inalterada ao longo do tempo, continua a ser percebido como branco mesmo quando iluminado por uma luz de matiz amarela ou violeta. Essa capacidade de identificar a cor original do objeto, mesmo diante de alterações no espectro

de luz incidente, evidencia a interação entre os aspectos físicos, fisiológicos e psicológicos na percepção da cor.

Na maioria das vezes, as alterações provocadas pela projeção de luzes sobre os objetos passam despercebidas, pois o cérebro tende a codificar as cores dos objetos com base na incidência da luz solar, que é predominante na maior parte do tempo. Conforme observado por Pedrosa (2022, p. 18), “Se transformam em valor subjetivo as cores permanentes dos corpos naturais.” Isso demonstra que a percepção cromática resulta de uma interação entre a realidade física e as interpretações subjetivas realizadas pelo cérebro humano.

No entanto, conforme destacado por Aguiar (2005), a afirmação de que apenas a luz natural proporcionaria as condições ideais para perceber as cores verdadeiras não é precisa. O espectro luminoso diurno pode variar significativamente, dependendo da época do ano, da posição do sol e das características da atmosfera. Um exemplo prático é a luz do meio-dia: ao fotografar sob essas condições, é possível observar tons azulados nas imagens capturadas. Isso ocorre devido às características das ondas luminosas nesse horário, que são mais curtas. Embora nossos olhos consigam se adaptar a essas variações ambientais, os filmes fotográficos não apresentam a mesma capacidade de compensação, já que são configurados para captar imagens com base em um modelo de luz predefinido.

Ao longo do tempo, investigações mais aprofundadas sobre a luz e sua influência no plano de cor levaram ao surgimento de iniciativas para a normatização da luz, com definições específicas para as principais propagações.

Quanto ao tipo de luz utilizada, destacam-se dois tipos essenciais: as cores incondicionalmente iguais e as cores condicionalmente iguais. No primeiro caso, trata-se de cores que desempenham as mesmas funções no estímulo de cores, mantendo sempre as mesmas características, independentemente das diferentes projeções de luz. Um exemplo prático seria a aplicação de cor em um reparo automotivo, em que, mesmo com alterações nas fontes de luz no local, a cor da parte reparada não sofreria modificações. Por outro lado, as cores condicionalmente iguais manifestam diferentes estímulos sob uma mesma projeção de luz, o que é comum em muitos aspectos do cotidiano, como na fotografia colorida, impressão policromática e pinturas, entre outros. Na prática, reproduzir cores de maneira idêntica à original é quase impossível; normalmente, é possível apenas obter cores condicionalmente iguais (AGUIAR, 2005).

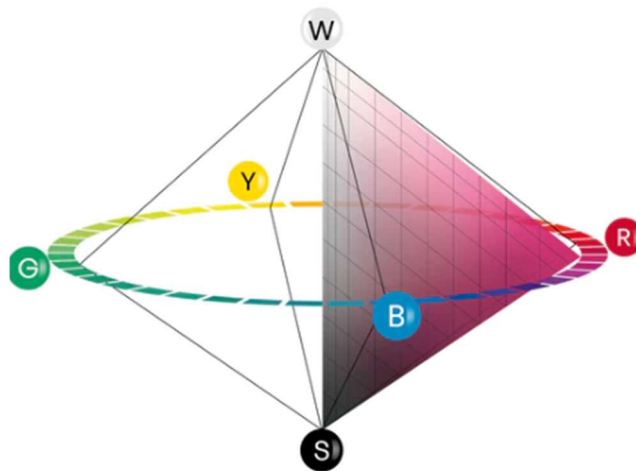
Durante todo o período de estudos e análises físicas ou psicológicas relacionadas às cores e à ação da luminosidade sobre as mesmas, foram desenvolvidas diversas técnicas de análise, divisões cromáticas e organizações que padronizaram as formas de trabalho e estudo

sobre o tema. Dentre essas metodologias, um dos sistemas de análise mais confiáveis, tanto para profissionais quanto para acadêmicos, é o NCS Color. Este sistema engloba diversas análises de trabalhos referenciados nesta pesquisa.

O sistema NCS (Natural Color System) é uma metodologia padronizada cujo objetivo é descrever e especificar cores com base nas percepções visuais humanas. Desenvolvido para fornecer uma linguagem comum e objetiva para a comunicação e análise de cores em diversas áreas, como design gráfico, arquitetura, moda e arte, o sistema NCS representa uma importante ferramenta para a compreensão e manipulação das características cromáticas.

A análise dentro do sistema NCS Color segue os seguintes procedimentos: Identificação da Matiz (Hue): A matiz refere-se à cor dominante percebida em uma determinada amostra visualizada pelo ser humano. No sistema NCS, as cores são categorizadas em matizes principais (vermelho, amarelo, verde, azul, preto e branco). Essas cores são representadas graficamente em um espaço tridimensional de cores, no qual cada uma recebe uma classificação específica.

Figura 2 - Espaço tridimensional, representando no eixo vertical as cores preto e branco com as demais cores representadas no círculo horizontal.



Fonte: Ncscolour, 2024.

A luminosidade descreve o grau de clareza ou escuridão de um matiz específico. No sistema NCS, a luminosidade também é medida em uma escala de 0 a 100. Neste contexto, o valor 0 corresponde ao ponto de menor luminosidade, indicando um tom completamente escuro, enquanto o valor 100 representa a luminosidade máxima, indicando um tom totalmente preto.



Apesar dos mecanismos estratigráficos<sup>2</sup> disponíveis para análise da cor, Aguiar (2005) destaca que um mesmo objeto pode gerar diferentes impressões sensoriais no observador, dependendo do tipo de luz que incide sobre ele. Ao realizar uma análise de cor em um bem imóvel, é fundamental considerar as condições reais em que o objeto será examinado. Isso envolve ajustar as ferramentas de análise de acordo com as condições do corpo de prova, levando em consideração a geometria do observador, as fontes de luz presentes no local e as condições de observação nos arredores.

## 2.1 A Cor e a Cidade.

De acordo com a teoria de Norberg-Schulz (1984), embora o ambiente possa ser conceituado por condições espaciais abstratas, o ser humano busca se orientar por meio de ambientes concretos, tangíveis e palpáveis, atribuindo extrema importância à materialidade na arquitetura. O ambiente é composto por elementos que definem um local específico, sendo as cores e a cidade antiga fatores que agregam significado ao contexto social, tanto em nível individual quanto coletivo.

Ao estabelecer uma relação entre as diversas cores presentes nas cidades e os elementos estruturais onde elas estão aplicadas, constrói-se uma referência visual na paisagem. Essas condições podem ser naturais ou artificiais, cotidianas ou esporádicas, contribuindo para a formação de um senso de pertencimento, vinculado à composição imagética do local (PURCELL, 1984).

Segundo Aguiar (2005), a identidade do patrimônio histórico está intrinsecamente ligada à diversidade que ele representa. É fundamental valorizar não apenas os bens de grande monumentalidade, mas também os elementos arquitetônicos mais modestos, que desempenham papéis únicos dentro do contexto de um local ou comunidade a que pertencem. Esse reconhecimento deve contemplar as distintas características das épocas em que esses bens foram criados, pois elas refletem os modos de vida, tradições e costumes específicos daqueles que os construíram e usufruíram.

Segundo Lancaster (1996), as cores ao longo da história variaram significativamente em função da localidade, época e comunidade, que adaptavam os recursos disponíveis para construir identidades e estabelecer relações com as características específicas de cada contexto.

---

<sup>2</sup>Estratigrafia é o ramo da geologia que se dedica ao estudo dos estratos ou camadas de rochas, com o objetivo de compreender os processos e eventos que deram origem a essas camadas.

O tipo de material, a localização geográfica e a matéria-prima influenciavam diretamente as pigmentações aplicadas, gerando resultados diversos em diferentes partes do mundo. Aguiar (2005) complementa destacando que algumas cores ganharam destaque ao longo da história devido à sua eficácia de pigmentação e à sua beleza, conquistando prestígio e renome. Exemplos como o Amarelo Nápoles, certos pigmentos azuis e a Terra Siena ilustram essa relevância, que muitas vezes foi impulsionada por influências políticas e culturais, fortalecendo os laços locais ao longo do tempo.

Cada período histórico trouxe consigo um domínio cromático característico que moldou a cultura, gerando modas replicadas regionalmente. As cores transcenderam o aspecto estético para se tornarem símbolos de identidade e coesão social, refletindo e influenciando os contextos históricos e culturais em que estavam inseridas. No período Barroco, os tons pastéis assumiram protagonismo; no Romantismo, a cenografia decorativa e os fingidos destacaram-se como marca estética; já durante o Estado Novo português, o amarelo e o branco, combinados com revestimentos em pedra, simbolizavam a simplicidade e solidez das construções. Esses exemplos mostram como as cores, em diferentes épocas, serviram tanto como expressão estética quanto como representações de valores e identidades sociais.

A definição da cor de uma cidade transcende os pigmentos aplicados às pinturas dos edifícios, incorporando outros materiais que desempenham um papel fundamental na composição cromática do ambiente urbano. Elementos como pedra, barro, madeira e outros materiais regionais foram amplamente utilizados ao longo das épocas, enriquecendo os efeitos estéticos das construções. Um exemplo notável são os efeitos bicromáticos encontrados nas calçadas tradicionais portuguesas e nos elementos azulejares, que se destacaram nas fachadas do século XVIII (Aguiar, 2005).

Historicamente, as cores aplicadas nas construções apresentaram uma variedade de representações expressivas, embora tenham se mantido relativamente constantes ao longo de milênios devido às tecnologias e métodos de preparo locais. As tonalidades, brilhos e texturas permaneceram praticamente inalteradas, preservando os métodos tradicionais de fabricação. No entanto, ao serem aplicadas, essas cores sofriam alterações sutis ao longo do tempo. Isso se devia a razões práticas: para reparar pigmentações desgastadas, eram utilizadas tonalidades mais escuras que cobriam as imperfeições. Esse processo de repintura, muitas vezes realizado com tintas à base de cal, gerava efeitos estéticos únicos e diferenciados das tintas industriais modernas.

Tintas de cal, por exemplo, não apenas cobriam as imperfeições causadas pelas intempéries, mas também conferiam tonalidades aquareladas de grande riqueza cromática,

promovendo uma pátina natural e uma evolução tonal ao longo do tempo. Esses efeitos enriqueciam ainda mais a estética das edificações e conferiam um caráter único e harmonioso às cidades, estabelecendo uma conexão visual e histórica com os métodos construtivos e culturais do passado (Aguiar, 2005).

Segundo o autor, as transformações significativas na história da cor ocorreram de maneira mais evidente em períodos recentes, impulsionadas pela ascensão do purismo e do funcionalismo na arquitetura. Essas correntes influenciaram a criação de construções com um efeito monocromático que permanece influente até hoje. O Construtivismo e, posteriormente, o Brutalismo foram movimentos que introduziram a ideia do monocromatismo, algumas vezes pigmentado, mas frequentemente ressaltando a eficiência e a pureza dos materiais utilizados, dispensando a aplicação de pinturas.

Com o passar do tempo, o Modernismo emergiu como um marco na era da revolução industrial, incorporando em suas construções uma abordagem racionalista e econômica. Esse estilo foi capaz de refletir as ideias de progresso e funcionalidade características da época, promovendo mudanças que impactaram tanto a estética quanto os métodos construtivos.

Antes dessas rupturas tecnológicas e estilísticas que antecederam a era industrial, a obtenção das tonalidades, brilhos e homogeneidades cromáticas que hoje consideramos comuns era uma tarefa praticamente inviável. A evolução dos materiais, técnicas de aplicação e conceitos estéticos permitiu uma reconfiguração significativa na forma como as cores passaram a ser utilizadas e percebidas nas edificações.

### 2.3 A Relação da Cor e Sua Preservação.

Conforme Kühl (2008), as superfícies dos edifícios, assim como os demais elementos do ambiente construído, devem receber atenção prioritária em processos de restauração. A análise desses componentes precisa respeitar a singularidade de cada caso, seja no contexto de uma paisagem urbana mais ampla ou em uma edificação isolada, sempre considerando sua relação adequada com o entorno em que se encontram.

O processo de intervenção nas superfícies dos edifícios deve fundamentar-se nos princípios da teoria da restauração, aplicados no contexto nacional, e adotar uma abordagem histórico-crítica. Isso exige que não apenas aspectos técnicos sejam avaliados, mas também os históricos, culturais e contextuais. Decisões tomadas durante a restauração não devem ser fruto de preferências subjetivas ou escolhas arbitrárias; ao contrário, precisam ser baseadas em uma

análise crítica, que leve em conta o contexto e as especificidades do objeto de intervenção, conforme destacado por Kühn (2008).

Quincy (1989) destacou-se no final do século XVIII e início do XIX como uma figura central nos debates culturais de sua época, cujas ideias continuam a influenciar as discussões contemporâneas sobre a preservação do patrimônio artístico. Teórico, historiador da arte, arqueólogo e defensor da arte clássica, ele também foi um vigoroso debatedor sobre os rumos da produção artística em seu tempo.

Estreitamente ligado aos ideais da primeira fase da Revolução Francesa, Quincy viveu intensamente a política, alternando momentos de engajamento ativo com períodos de prisão e exílio. Em sua obra mais emblemática, *Lettres à Miranda*, ele abordou a polêmica em torno das obras de arte levadas de países ocupados pelos exércitos republicanos para a França. Nessas sete cartas, Quincy denunciou a prática, argumentando que as obras de arte transferidas para um novo local não poderiam recriar o ambiente original para o qual foram concebidas. Ele defendeu que tais peças deveriam permanecer em seus contextos de origem, preservando suas conexões com o espaço e a história local.

No âmago de suas reflexões, Quatremère de Quincy já ressaltava a importância das marcas do tempo e das imperfeições acumuladas nas obras ao longo dos anos, incluindo suas cores. Ele via nessas características não apenas a evidência de autenticidade, mas também a manifestação da história e do contexto original dos objetos. Suas ideias, inovadoras para a época, ajudaram a lançar as bases para o pensamento moderno sobre restauro e preservação. Quincy acreditava que essas marcas, longe de serem defeitos, ampliavam a compreensão e a conexão com os objetos, sendo precursor de uma visão que valoriza a integridade histórica e a memória inscritas no patrimônio cultural.

“A graça da vetustez deve-se, pois, à certeza, mas, também, à aparência da vetustez. Eis por que é tão precioso aos olhos do amador esse verniz do tempo, que se busca frequentemente desfazer. Dar de novo a esses restos mutilados uma integridade mentirosa, apagar e fazer desaparecer das obras antigas a marca da antiguidade e dar-lhes um falso ar de juventude, é delas tirar, em parte, seu valor e sua beleza, e essa espécie de inviolabilidade que as protegia dos ataques do espírito de crítica. Pois a antiguidade tem de algum modo, a vantagem de subtrair os monumentos à censura [...] (QUINCY (1989, p.66-67).

Kühn (2008) destaca que, no contexto contemporâneo, os sinais da passagem do tempo e das degradações acumuladas nas obras são cada vez menos visíveis, uma vez que a busca por

uma estética "perfeita" tem se tornado predominante. Essa abordagem frequentemente ignora os ricos detalhes das técnicas tradicionais empregadas na criação de argamassas, rebocos e pinturas, sacrificando parte da autenticidade das obras. Ele ressalta que o objetivo do restauro não é simplificar a apreciação estética para o observador, mas sim valorizar as múltiplas histórias incorporadas em um bem cultural.

Embora os aspectos técnicos sejam fundamentais no restauro, Kühl enfatiza que o processo histórico-crítico, consolidado ao longo do último século, é indispensável. Esse processo baseia-se em premissas como o respeito pela matéria original, a reversibilidade e a distinguibilidade das intervenções, além da análise documental cuidadosa antes e após os procedimentos de restauro. Esses princípios, fundamentados em metodologias científicas, têm ajudado a evitar erros como o uso de materiais inadequados ou tonalidades incompatíveis, que podem comprometer a integridade histórica da obra.

No entanto, segundo o autor, há uma crescente desconexão entre teoria e prática no tratamento dos bens culturais. Enquanto teoricamente se valoriza a preservação dos materiais originais e da história das obras, na prática, prevalece uma tendência generalizada à repintura total. Esse procedimento muitas vezes trata os revestimentos históricos como meras "camadas de sacrifício," negligenciando sua relevância histórica e a autenticidade dos materiais. Kühl adverte que essa disparidade compromete a originalidade e a integridade das obras, especialmente no que se refere às suas cores e às marcas que testemunham sua história.

A cor, a textura e os padrões das pinturas, contribuem para a narrativa visual e histórica das edificações, tornando-se elementos essenciais na compreensão dos edifícios:

É importante recordar que se por um lado a superfície é a "pele" do edifício, e não simples roupagem, e, por isso, o "órgão de choque" por excelência em relação ao ambiente hostil (sol, chuva, mudanças de temperatura, poluição, etc.), sujeita, portanto, a várias formas de degradação que devem ser enfrentadas, por outro, é também testemunho privilegiado do decorrer da história, adquirindo valores figurativos, muitas vezes positivos, que não podem ser pura e simplesmente desprezados na busca da fonte da eterna juventude, (KÜHL, 2008, p. 233).

Aguiar (2005) observa que as discussões internacionais sobre conservação e preservação de bens culturais evoluíram significativamente, resultando no conceito contemporâneo de "Ética da Conservação." Esse paradigma exige intervenções pautadas por rigor científico, autenticidade, economia e durabilidade, e demanda uma abordagem interdisciplinar para análises detalhadas, tanto históricas quanto laboratoriais, a fim de assegurar diagnósticos precisos no processo de restauração ou reabilitação de edifícios.

No que se refere às superfícies de conjuntos urbanos e centros históricos, Kühn (2008) enfatiza a importância de uma abordagem integrada e fundamentada em uma compreensão histórico-crítica. Ele alerta para uma tendência recente de intervenções que priorizam o restabelecimento das cores originais dos edifícios, frequentemente desconsiderando contextos históricos e urbanísticos. Essa prática ignora o fato de que muitas edificações, especialmente em conjuntos urbanos heterogêneos, podem nunca ter coexistido com suas cores concebidas originalmente. Isso ocorre porque tais edifícios frequentemente foram construídos em épocas distintas, e os mais antigos já poderiam ter perdido suas cores originais quando os mais novos foram erguidos.

Assim, tanto Aguiar quanto Kühn destacam a necessidade de intervenções conscientes, que considerem não apenas os aspectos técnicos, mas também os históricos e contextuais, reconhecendo a complexidade temporal e espacial das superfícies e das cores nos bens culturais.

As intervenções cromáticas em edificações históricas têm apresentado tendências problemáticas, como destaca Kühn (2008). O autor observa que intervenções livres, caracterizadas pelo uso de cores intensas e desvinculadas da história e das características formais dos edifícios, são cada vez mais frequentes. Essa abordagem compromete a interpretação histórica das construções, dificultando a percepção de sua autenticidade e do contexto em que foram concebidas. Como alternativa, Kühn defende a adoção de planos de cor que respeitem o mínimo necessário de intervenção, preservando a imagem consolidada do edifício ao longo do tempo.

Complementando essa perspectiva, Aguiar (2005) aponta que, tanto no contexto português quanto no brasileiro, as soluções aplicadas aos revestimentos em obras de conservação ou reforma de bens culturais frequentemente se mostram inadequadas. Esse problema reflete a falta de alinhamento com diretrizes internacionais, como as da Carta de Veneza, que valorizam a documentação detalhada. Aguiar lamenta que raramente sejam elaborados relatórios técnicos sobre os revestimentos e intervenções realizadas, prática que é muitas vezes negligenciada por empresas públicas e privadas sob a justificativa de ser desnecessária ou excessivamente onerosa. A ausência desses relatórios não apenas compromete a qualidade da intervenção, mas também resulta na perda de um registro que poderia servir como valioso documento histórico e técnico.

Ambos os autores convergem na crítica às práticas atuais e reforçam a necessidade de maior rigor técnico e respeito histórico nas intervenções, garantindo que as obras preservem sua integridade e possam dialogar com seu contexto histórico-cultural de forma genuína.

### 3. O CONTEXTO ECLÉTICO E SUAS CORES.

O período eclético, que se estende da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX, constitui um marco na história da arquitetura, como exposto por Pateta (1987). Esse estilo é caracterizado pela fusão de diversos elementos arquitetônicos de diferentes épocas e estilos, integrados em um único projeto. No contexto brasileiro, o ecletismo surge como uma resposta ao declínio do estilo neoclássico, refletindo a busca por maior liberdade criativa na combinação de influências variadas.

Lorenzoni (2015) destaca que o ecletismo no Brasil está intimamente ligado ao impacto da Revolução Industrial, que trouxe consigo avanços tecnológicos e novas abordagens para a construção. Antes dessa revolução, as construções no Brasil eram fortemente influenciadas por estilos europeus, especialmente o Barroco e o Rococó, que refletiam os valores estéticos e culturais das antigas colônias. No entanto, com a Revolução Industrial, surgiram novas técnicas e materiais, permitindo a criação de edifícios mais complexos e diversificados.

O estilo eclético no Brasil refletiu uma nova era de adaptação e experimentação, integrando referências da antiguidade greco-romana, do clássico, e até da arquitetura medieval, como o Gótico, em uma busca por uma linguagem arquitetônica mais inclusiva e diversificada. A Europa, e particularmente a França, desempenhou um papel crucial nesse processo, servindo como uma importante fonte de inspiração, especialmente entre os séculos XIX e XX, quando a cultura francesa tinha grande influência nas esferas artística, política e cultural do Brasil (LORENZONI, 2015).

Nos séculos XIX e XX, as construções arquitetônicas no Brasil se tornaram símbolos do progresso e da modernização do país, refletindo um esforço para se alinhar às tendências europeias da época. Segundo Reis Filho (2011), essa busca por uma arquitetura mais contemporânea e sofisticada se dava em um contexto de transformação social e cultural, no qual o Brasil procurava afirmar sua identidade nacional por meio de seus edifícios.

As edificações neoclássicas, predominantes nas grandes capitais, variavam de acordo com as influências regionais e as especificidades locais. Nas regiões mais prósperas, como Rio de Janeiro e São Paulo, as construções eram mais fiéis às tendências europeias contemporâneas, refletindo o desejo de modernizar e acompanhar os avanços da arquitetura em países como França e Inglaterra. Nesse cenário, os edifícios neoclássicos assumiam uma grandiosidade e uma sofisticação arquitetônica, adaptadas às necessidades urbanas e culturais brasileiras.

Por outro lado, nas províncias e áreas menos desenvolvidas, a adoção de elementos neoclássicos era mais restrita, sendo frequentemente limitada a algumas referências estilísticas importadas da Europa. Isso refletia uma desigualdade na capacidade de implementação de tendências arquitetônicas, com as regiões mais centrais e economicamente dinâmicas recebendo as influências mais atualizadas, enquanto as áreas periféricas mantinham um vínculo mais distante com as inovações europeias (REIS FILHO, 2011).

Reis Filho (2011) observa que, apesar da busca pela contemporaneidade e das influências da arquitetura produzida no Rio de Janeiro, as províncias do Brasil enfrentaram desafios significativos na implementação dessas novas propostas arquitetônicas. A importação de modelos sofisticados, típicos das grandes cidades, para o interior do país era frequentemente imprecisa, uma vez que as condições locais de construção, como a escassez de materiais e de mão de obra especializada, limitavam a realização de projetos mais elaborados.

As técnicas construtivas tradicionais, como o uso de taipa de mão, adobe e pau-a-pique, ainda predominavam nas províncias, o que dificultava a adoção plena das tendências mais refinadas da arquitetura europeia. Isso resultava em uma arquitetura mais simples, com a adaptação de elementos complexos, como platibandas, arcos e detalhes clássicos, sendo reduzidos ou substituídos por soluções mais acessíveis e conhecidas pelos construtores locais. Essas adaptações eram, muitas vezes, uma tentativa de alinhar-se ao gosto e às expectativas da elite local, mas com limitações práticas e técnicas que comprometiam a execução da arquitetura em sua forma mais sofisticada.

As modificações urbanas nas cidades do império, como observado por Reis Filho (2011), refletem um movimento de adaptação das técnicas arquitetônicas, com o refinamento das tradições coloniais transferidas para as grandes cidades brasileiras, especialmente nas áreas mais prósperas, como o Rio de Janeiro e outras capitais. No entanto, em regiões menos destacadas, as construções neoclássicas, embora influenciadas pelas tendências da época, foram simplificadas, com limitações técnicas e ornamentais, resultando em edifícios mais austeros e com uma execução menos detalhada. Essa disparidade entre os grandes centros urbanos e as províncias sublinhou uma divisão no processo de modernização arquitetônica no Brasil, onde a elite urbana buscava se alinhar às tendências europeias, enquanto as províncias viam suas produções arquitetônicas mais restritas pelas dificuldades locais de materiais e mão de obra qualificada.

A cidade de Ouro Preto, como destaca Bueno *et al.* (2017), também passou por transformações significativas durante a segunda metade do século XIX, impulsionadas por fatores como o declínio da produção aurífera e o novo status da cidade como capital da

província de Minas Gerais. As modificações em Ouro Preto visavam a modernização da cidade, acompanhando o movimento de desenvolvimento nas grandes cidades do Brasil. A decadência da produção de ouro e a mudança política, com a instalação da Corte Real portuguesa no Brasil em 1808, desencadearam um ciclo de renovação nas construções e infraestrutura da cidade. No entanto, essas mudanças também implicaram o deslocamento de características da arquitetura colonial, com a introdução de novos estilos e a alteração do tecido urbano, mantendo uma tensão entre as tradições locais e as necessidades de adaptação à nova realidade política e econômica do Brasil.

Tais modificações nunca foram de fato profundas nos edifícios presentes na cidade, principalmente por já ser um conjunto urbano bem consolidado em meados dos oitocentos, levando muitas vezes aos recursos mais adaptativos, resultando em sobreposições de elementos de diferentes estilos arquitetônicos e períodos históricos, com base herdada das construções luso-brasileiras, impossibilitando muitas vezes de distinguir a tipologia dos edifícios de Ouro Preto, sendo uma das cidades com um dos maiores números de edifícios classificados como de tipologia neocolonial no Brasil.

A análise de Naoumova (2007) sobre a utilização da cor nos edifícios ecléticos e neoclássicos no Brasil destaca a significativa influência das edificações luso-brasileiras, que moldaram os padrões de cor e acabamento da arquitetura no país. A arquitetura luso-brasileira e a posterior evolução estilística, com a chegada do neoclassicismo e do ecletismo, mantiveram certos elementos de continuidade em relação ao uso da cor, especialmente no que tange à valorização dos detalhes verticais.

Nos edifícios ecléticos e neoclássicos, era comum que as cores aplicadas em elementos verticais, como pilastras e esquadrias, fossem mais escuras do que as utilizadas em outras partes da edificação. Essa escolha visava criar um contraste sutil, destacando esses elementos estruturais e conferindo um senso de solidez à fachada. Além disso, em edificações de dois pavimentos, as tonalidades mais escuras eram reservadas para o térreo, enquanto os pavimentos superiores recebiam cores mais claras. Essa técnica visual ajudava a estabelecer uma hierarquia de volumes e a conferir uma sensação de leveza aos andares superiores.

Os ornamentos, por sua vez, eram frequentemente pintados em tonalidades mais claras, o que evidenciava suas formas e contribuía para a definição das volumetrias do edifício. Isso também incluía as platibandas, que, por serem frequentemente carregadas de ornamentos, recebiam tons mais suaves, criando um contraste que suavizava o peso visual da estrutura e dava uma sensação de leveza a elementos mais decorados.

#### **4. REFERENCIAS INTERNACIONAIS DE PLANEJAMENTO DA COR.**

De acordo com Aguiar (2005), um dos principais desafios enfrentados nos instrumentos de proteção de revestimentos em centros urbanos históricos é a falta de um controle e planejamento adequados das cores utilizadas nos edifícios. Muitas vezes, as regulamentações estabelecidas pelos municípios, ao tratar desses aspectos, adotam regras genéricas e uniformes para o controle das cores, sem considerar as especificidades regionais e contextuais de cada local.

Essa abordagem simplificada e padronizada, frequentemente inspirada ou até mesmo copiada de modelos externos, resulta em intervenções que comprometem tanto a relação histórica dos edifícios com seu contexto original quanto a sua expressão formal. As cores, elementos chave na caracterização da arquitetura, desempenham um papel crucial na preservação da identidade local, e ao ignorar as particularidades de cada região, essas regulamentações acabam desconsiderando a diversidade e a autenticidade dos bens culturais. A falta de um planejamento mais sensível e contextualizado, que respeite a história e as características únicas de cada edifício e de cada região, pode levar a intervenções que enfraquecem a riqueza cultural e arquitetônica dos centros urbanos históricos.

Em raros casos, quando há um plano destinado às superfícies dos edifícios, os mesmos apresentam grandes lacunas técnicas e científicas no modo como tratam as cores e revestimentos, tratando apenas como um simples amarelo, vermelho ou azul, mas não analisando as propriedades com que essas cores podem apresentar no edifício e suas variações. Faltando metodologias que contemplem as características qualitativas da cor, como informações históricas, modelos que sirvam como referência e suporte tecnológico para que todo o trabalho possa ser feito corretamente, que contemplem não só os conjuntos urbanos e praças, como os bens individuais, (AGUIAR,2005).

O plano desenvolvido por Antal Nemcsics em Budapeste, na década de 1960, se tornou um dos principais referenciais internacionais no planejamento da cor. Durante o período entre as duas grandes guerras mundiais, a maioria dos edifícios históricos de Budapeste foi pintada em tons cinzentos e monocromáticos, o que resultou na necessidade de uma recuperação urgente de quase 90% desses edifícios. Essa situação provocou uma significativa alteração no conjunto urbano da cidade, gerando a busca por uma solução eficaz e cientificamente fundamentada.

Em 1962, Antal Nemcsics apresentou o método *Coloroid*, um sistema cromático de referência que organizava as cores a partir de valores numéricos específicos. Esse método possibilitava aos projetistas selecionar as cores dos edifícios com base em matizes cromáticos definidos, trazendo uma abordagem mais sistemática para o planejamento das cores urbanas. A base teórica do trabalho de Nemcsics estava ancorada na análise psicofísica e psicológica da relação das pessoas com as cores, o que incluía pesquisas históricas sobre os edifícios da cidade e dados estatísticos sobre as preferências das pessoas em relação às cores nas construções.

Embora o método *Coloroid* tenha sido inovador em seu tempo, Aguiar (2005) aponta que, para os dias atuais, ele pode ser considerado falho, principalmente devido à sua abordagem relativista na solução dos problemas. As análises psicofisiológicas da percepção das cores são variáveis ao longo do tempo, o que torna o método menos aplicável em contextos contemporâneos. Assim, é necessário um modelo que ofereça opções para o preenchimento dos revestimentos sem depender de suposições ou arbitrariedades, adotando uma abordagem mais precisa e ajustada às condições atuais de preservação e restauro de bens culturais.

O método proposto por Jean-Philippe Lenclos representa uma contribuição significativa para a proteção da cor em contextos urbanos, destacando a relação entre a cor da cidade e os fatores geológicos, climáticos, materiais locais e culturais. Segundo Lenclos, as cores presentes no ambiente urbano estão intrinsecamente ligadas ao contexto regional, sendo classificadas em duas categorias principais: cores permanentes e cores não permanentes.

As cores permanentes são aquelas que possuem uma durabilidade maior e estão ligadas a materiais naturais ou utilizados nas construções, como os pigmentos naturais derivados do solo, materiais de construção e revestimentos. Já as cores não permanentes são associadas a fatores variáveis, como a luz, que altera a percepção das cores ao longo do dia, poluições visuais, o céu e a paisagem circundante, que também influenciam a tonalidade dos edifícios e do espaço urbano.

A metodologia de Lenclos começa com uma análise detalhada das cores presentes no local, seguida pela categorização dessas cores em grupos específicos, considerando aspectos como as cores gerais de cada edifício, as coberturas, as aberturas e suas relações cromáticas. Posteriormente, um quadro sinóptico é elaborado, servindo como um guia para orientar futuras intervenções nos edifícios, garantindo que o trabalho de restauração ou conservação respeite a harmonia e a identidade cromática do espaço.

Embora o método de Lenclos tenha sido essencial para destacar a relevância das especificidades locais na relação das cores com o ambiente, Aguiar (2005) aponta uma limitação importante: por ser uma abordagem fundamentalmente visual, o método não aborda

de maneira satisfatória aspectos cruciais para a restauração e conservação de bens culturais. Em especial, ele não contempla as tecnologias e os materiais históricos utilizados nas construções nem inclui levantamentos estratigráficos, que são essenciais para um processo de conservação eficaz e completo.

O plano de cor desenvolvido em Turim entre 1978 e 1983, sob a direção de Giovanni Brino, destacou-se como um marco na gestão cromática urbana, sendo uma das primeiras iniciativas estruturadas voltadas à preservação da identidade visual e histórica de uma cidade. Essa proposta surgiu em resposta à necessidade urgente de normatizar as superfícies dos edifícios italianos, especialmente após o impacto da industrialização pós-guerra, que comprometeu significativamente a autenticidade dos materiais e a leitura histórica das cores presentes nas construções.

A metodologia aplicada pela equipe de Brino buscou resolver três problemas principais. Em primeiro lugar, priorizou o resgate das cores originais dos edifícios históricos de Turim, utilizando-se da rica documentação preservada nos arquivos da cidade, em uma abordagem teórico-histórica que respeitava a autenticidade dos projetos residenciais. Em segundo lugar, procurou superar os entraves da burocracia administrativa, propondo processos mais ágeis e coerentes para as intervenções solicitadas pelos proprietários e profissionais responsáveis. Por último, enfrentou os desafios operacionais, oferecendo informações técnicas detalhadas, planos cromáticos e acesso a tecnologias e consultorias científicas, capacitando as equipes envolvidas no processo de conservação.

Apesar de sua relevância, o plano enfrentou críticas. Houve uma preferência estilística evidente pelos estilos oitocentista e neoclássico, em detrimento de outros estilos presentes no tecido urbano, o que gerou uma abordagem seletiva e historicamente limitada. Além disso, surgiram problemas relacionados aos materiais utilizados. As tintas industriais enfrentaram dificuldades devido às condições climáticas e à poluição da cidade, que não eram adequadas para tintas minerais ou à base de cal. Isso levou à necessidade de discutir o uso de tintas sintéticas à base mineral, mais resistentes e adequadas ao contexto urbano.

A partir de 1985, o plano foi revisado para incluir mudanças administrativas e técnicas que pudessem atender à alta demanda de intervenções, com aproximadamente 700 solicitações anuais. Essas revisões incorporaram critérios mais abrangentes, levando em consideração as peculiaridades de cada edifício e estilo arquitetônico, promovendo maior flexibilidade e eficiência nas práticas de conservação.

Ao longo de mais de três décadas, o plano de cor de Turim amadureceu e consolidou-se como um referencial teórico e prático na preservação cromática urbana. Reconhecido por sua

abordagem pioneira, ele demonstra a importância da gestão estatal na proteção da imagem e da identidade histórica das cidades, servindo como exemplo para outras localidades interessadas na conservação de seu patrimônio cultural (AGUIAR, 2005).

## **5. POLÍTICA DE PLANEJAMENTO DA COR NOS CONTEXTOS NACIONAL, REGIONAL E MUNICIPAL.**

Uma das primeiras referências legais institucionalizadas por um órgão nacional foi estabelecida pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, disposto no Capítulo III, Artigo 17, do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Nessa disposição, estabelece-se uma restrição rigorosa em relação à pintura, especificamente, onde um bem tombado não pode ser restaurado, pintado ou reparado sem a prévia autorização da instituição.<sup>3</sup>

Entre as diversas portarias publicadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), destaca-se a Portaria nº 420, de 22 de dezembro de 2010, que estabelece critérios para intervenções em bens tombados e suas respectivas áreas de entorno protegidas em âmbito federal. No Capítulo I, referente às definições, o Artigo 3º, parágrafo IV, classifica a pintura de edificações como uma forma de reforma simplificada. Isso implica que tais obras são consideradas ações de conservação ou manutenção que não envolvem acréscimo ou supressão de área, assim como outros serviços previstos na mesma classificação.

No contexto nacional, a portaria nº 312, de 20 de outubro de 2010, estabelece critérios específicos para a preservação do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Ouro Preto, com diretrizes para possíveis intervenções na área protegida federalmente. A primeira menção à cor aparece no Capítulo I, Artigo 22, parágrafo II, onde se recomenda a manutenção das características das tipologias arquitetônicas, incluindo as cores, com a exigência de adequações caso estas estejam incompatíveis com o sítio tombado, aplicável à Área de Proteção Especial 01 (APE01).

Ainda no mesmo capítulo, o Artigo 28 aborda as cores em relação às tipologias colonial e eclética dentro da área de tombamento. No caso da tipologia luso-brasileira, é determinado que as faces internas e externas das edificações sejam rebocadas e pintadas na cor branca,

---

<sup>3</sup>O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), originalmente criado como o órgão federal responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro, passou por uma reformulação ao longo do tempo e atualmente é conhecido como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

enquanto as esquadrias devem ser pintadas em tonalidades fortes, sendo proibido o uso de materiais brilhantes como verniz, esmalte ou similares, em conformidade com a paleta de cores disponível no IPHAN. Já para as construções de tipologia eclética e neoclássica, é estipulado que estas devem preservar sua originalidade e serem pintadas com tonalidades claras, respeitando as características dos estilos arquitetônicos em questão.

As condições estaduais em relação às políticas de preservação voltadas para as cores são praticamente inexistentes quando realizadas buscas no portal oficial do IEPHA<sup>4</sup>. As funcionalidades de busca disponíveis no site da instituição são confusas e limitadas, não apresentando qualquer relação direta ou indireta com os termos correlacionados em relação ao tema deste trabalho, mesmo diante do vasto e rico acervo que o instituto detém em todo o extenso território do estado.

O *Manual Para Quem Vive Em Casas Tombadas*, elaborado em parceria pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), apresenta uma série de diretrizes burocráticas para orientar proprietários de imóveis tombados em suas intervenções. O objetivo é simplificar o entendimento sobre os procedimentos necessários e indicar onde buscar informações ou realizar os processos.

No que se refere à alteração das cores dos edifícios tombados, o manual recomenda que o responsável pela pintura, especialmente das fachadas, procure a Secretaria de Obras do município para solicitar um documento chamado "Informação Básica". Este documento reúne todas as orientações que devem ser seguidas na intervenção, considerando o tipo de proteção ou localização do imóvel. Em algumas situações, a "Informação Básica" pode ser obtida na Secretaria de Cultura ou diretamente no IPHAN local, e especifica as cores permitidas para a pintura. Caso as normas não sejam respeitadas, o proprietário estará sujeito a sanções e à necessidade de reverter as alterações feitas (PAIVA; SOUZA, 2018).

Segundo informações do site oficial da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, a responsabilidade pela emissão das "Informações Básicas" está sob a Secretaria de Desenvolvimento Urbano. Na página de solicitação, é oferecida uma introdução ao tema, juntamente com as oito categorias atendidas pela "Informação Básica", que incluem: obra nova, regularização, reforma com acréscimo de área, reforma sem acréscimo de área, restauração,

---

<sup>4</sup> Fundado em 30 de setembro de 1971, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Minas Gerais (IEPHA-MG) tem exercido, ao longo de seus 50 anos de existência, um papel fundamental na proteção, preservação e promoção de bens materiais e imateriais que integram a cultura e a história de todos os habitantes do estado de Minas Gerais.

loteamento, desmembramento e remembramento. O processo de cadastramento segue sete passos, disponíveis no portal, e exige que os dados cadastrais e de login pertençam ao proprietário, responsável técnico ou procurador.

Além disso, conforme a Secretaria de Desenvolvimento Urbano, os pedidos também podem ser realizados pessoalmente por qualquer cidadão. Nesse caso, é necessário apresentar um croqui do imóvel, documento de identificação do solicitante e efetuar o pagamento de uma taxa, que, em abril de 2024, tinha o valor de R\$ 11,90. Essa estrutura visa assegurar que as intervenções em imóveis tombados ocorram dentro dos parâmetros estabelecidos para a preservação do patrimônio histórico e arquitetônico da cidade.

A Lei Complementar nº 93, de 20 de janeiro de 2011, que regula o uso, parcelamento e ocupação do solo urbano em Ouro Preto, apresenta diretrizes específicas relacionadas às cores das edificações dentro da Zona de Proteção Especial (ZPE) do município. De maneira geral, a lei demonstra alinhamento com o Decreto-Lei nº 312 do IPHAN, ao estabelecer padrões cromáticos para edificações de estilos colonial e eclético situadas na área de proteção.

Uma particularidade, no entanto, aparece na Subseção IX, que trata da tipologia arquitetônica dentro da ZPE. O Artigo 16, em seu parágrafo único, destaca que a Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano pode solicitar prospecções pictóricas nas edificações de tipologias luso-brasileiras e ecléticas. O objetivo desse procedimento é identificar e revelar a cor original da edificação, promovendo a preservação de sua autenticidade histórica.

## **6. ANÁLISE DA COR E SUA APLICAÇÃO NOS ÚLTIMOS 15 ANOS NOS EDIFÍCIOS ECLÉTICOS DE OURO PRETO.**

O objetivo geral da pesquisa, assim como os objetivos específicos serão realizadas através de uma análise comparativa dos edifícios ecléticos situados em pontos específicos dentro da Zona de Proteção Especial (ZPE) da cidade de Ouro Preto, onde essa tipologia arquitetônica é mais representativa. A ZPE, parte integrante do conjunto arquitetônico e urbanístico tombado e protegido pelo IPHAN e reconhecido pela UNESCO, não faz distinção entre os estilos arquitetônicos dentro de seu perímetro de proteção, mas a análise focou exclusivamente na tipologia eclética.

A seleção dos edifícios e a captura das imagens ocorreram em 4 de abril de 2024, por meio de um percurso planejado no centro da cidade. Para as imagens *in loco*, utilizou-se um

smartphone POCO X3 Pro, equipado com uma câmera de 48 megapixels e resolução de 8000x6000 pixels, garantindo alta qualidade e detalhes visuais para o estudo.

Como complemento e para efeito comparativo, também foram utilizadas imagens capturadas pelo Google Street View, uma ferramenta amplamente conhecida e disponibilizada pela empresa Google através da plataforma Google Maps. O Street View oferece um extenso acervo fotográfico de Ouro Preto, coletado ao longo dos últimos 15 anos. As imagens são capturadas por nove câmeras com resolução de 5 megapixels, instaladas em veículos em movimento, permitindo a geração de panoramas de 360°. Após o processamento e alinhamento, essas imagens ficam disponíveis na plataforma, com as respectivas datas de captura indicadas.

Essa abordagem combinada permitiu uma análise detalhada dos edifícios ecléticos, considerando tanto registros fotográficos recentes quanto dados históricos fornecidos pelo Google Street View, ampliando as possibilidades de comparação e identificação de alterações ao longo do tempo.

Durante o processo de catalogação e comparação entre registros antigos e imagens atuais, foram identificadas alterações cromáticas nos edifícios analisados. Como abordado no capítulo introdutório *A Cor e Luz*, diversos fatores influenciam as imagens produzidas, especialmente em relação às mudanças nos matizes utilizados na pintura das fachadas. Essas variações não se restringem ao desgaste natural ocasionado pelo tempo, mas também podem ser atribuídas a aspectos técnicos, como o tipo de equipamento empregado na captura, os ângulos de fotografia, a incidência de luz e outros elementos externos.

Algumas limitações foram observadas ao tentar sobrepor imagens recentes com aquelas fornecidas pela plataforma Google Maps. Devido às restrições do sistema, nem todas as fotografias puderam ser alinhadas ou posicionadas de forma precisa em relação às capturadas no levantamento atual. Contudo, essas dificuldades não comprometem significativamente os resultados da pesquisa.

Além de evidenciar as alterações ocorridas em um curto intervalo de tempo nos edifícios e no diálogo destes com o entorno, a análise das imagens e as possíveis divergências ou lacunas identificadas fazem parte dos objetivos específicos do estudo. Essas questões contribuem para compreender as dinâmicas das mudanças cromáticas, bem como os desafios técnicos inerentes ao uso combinado de diferentes fontes de dados visuais.

Para facilitar o entendimento e a análise desenvolvida neste estudo, os edifícios foram organizados em três categorias tipológicas, com base nos estudos de Luciano Patetta, que são identificáveis no conjunto edificado da cidade de Ouro Preto. Essas tipologias refletem diferentes abordagens estilísticas e construtivas, destacando características específicas que

enriquecem a paisagem urbana do município. A primeira categoria, os edifícios de pastiches compositivos, é caracterizada por construções que apresentam múltiplas soluções estilísticas em uma única composição, preservando de forma clara as origens estilísticas das influências aplicadas, resultando em edificações visualmente ricas e variadas. A segunda categoria, os edifícios de ecletismo de catálogo, refere-se a edificações que, em sua época, utilizavam produtos manufaturados tanto na ornamentação quanto nas soluções estruturais. Essas construções buscavam atratividade, embora frequentemente resultassem em combinações menos organizadas e mais variadas em termos compositivos, atendendo a um público específico atraído por novidades estilísticas e materiais disponíveis no mercado. A terceira categoria, a arquitetura de ferro, inicialmente empregada em equipamentos e construções urbanas de grande e médio porte devido à sua durabilidade e facilidade de montagem, foi gradualmente incorporada a construções residenciais. Essa tipologia combina a elegância dos sistemas decorativos e funcionais com a robustez do material, mas não foram encontrados exemplares dessa tipologia em Ouro Preto para efeito de comparação.

Além disso, não foram identificados exemplos de historicismos ou funcionalismo tipológico na área analisada, restringindo o foco da pesquisa às duas primeiras categorias mencionadas. Os edifícios foram identificados com base nas iniciais das tipologias, seguidas por uma numeração sequencial correspondente ao levantamento realizado. Essa nomenclatura visa facilitar o acesso e a referência dos edifícios tanto nos mapas de localização quanto nos gráficos de situação apresentados neste estudo, permitindo ao leitor localizar e compreender as análises com clareza e precisão.

Após a classificação dos edifícios ecléticos, a próxima fase do estudo consiste na classificação dos imóveis com base em cinco variantes determinadas pelas condições urbanas e da edificação do local onde se encontram. Essas variantes são: estado de conservação, presença de alterações ou manutenção, tipo de uso, localização e fidelidade aos princípios do estudo.

Em relação ao estado de conservação dos edifícios analisados, adotou-se uma classificação de três níveis, conforme estabelecido pela Portaria IEPHA nº 35, de 23 de setembro de 2022<sup>5</sup>. A primeira categoria é "bom", que se refere a imóveis que se mantêm íntegros, sem danos significativos que afetem sua integridade física ou estética, podendo exigir apenas pequenos reparos ou limpeza. A segunda categoria é "regular", aplicada a imóveis que, embora não apresentem problemas graves, possuem danos que afetam sua integridade de

---

<sup>5</sup> Estabelece procedimentos técnicos e metodológicos acerca do envio de documentação para fins de pontuação no programa ICMS Cultural.

maneira parcial, exigindo intervenções para manutenção ou recuperação. Por fim, a classificação "precário" é atribuída a imóveis que apresentam sérios danos estruturais ou estéticos, que comprometem significativamente sua integridade e requerem intervenções mais complexas ou até mesmo estabilização para garantir sua preservação.

Essas classificações auxiliam na análise da condição dos edifícios, fornecendo uma base para compreender o nível de intervenção necessário em cada imóvel, além de avaliar o impacto das alterações no conjunto arquitetônico da cidade.

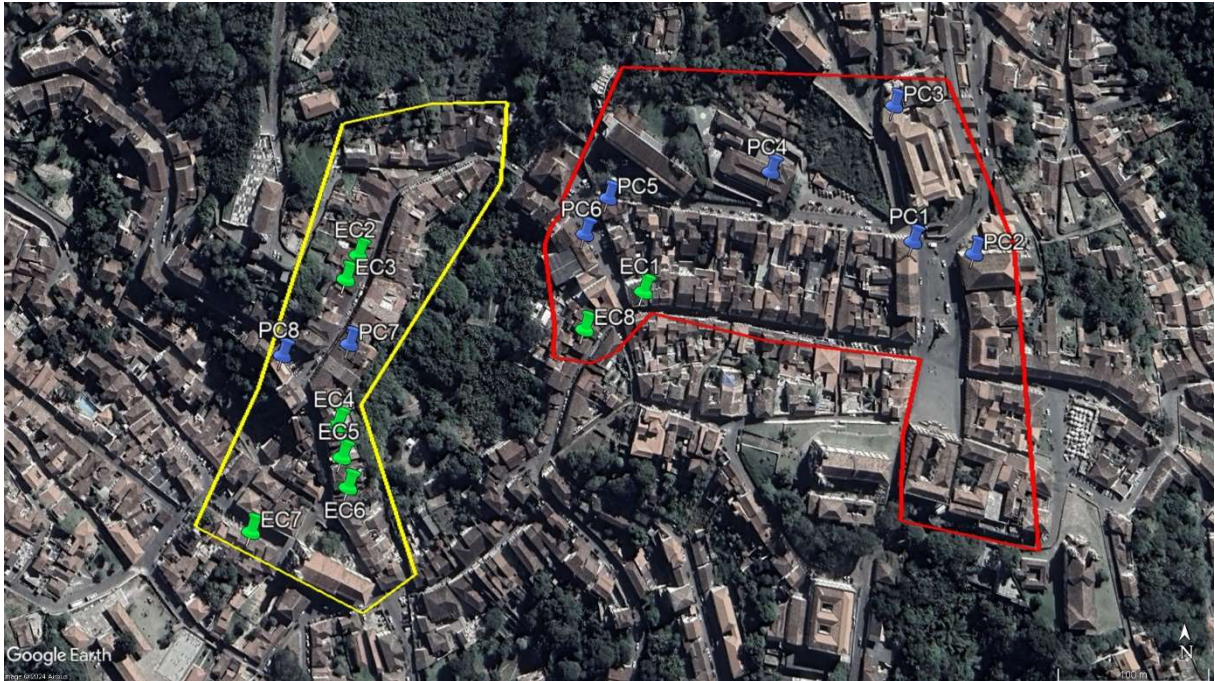
A presença de alteração ou manutenção refere-se à situação do edifício no momento em que as imagens foram registradas. Esta análise considera favoráveis as alterações que representam descaracterizações sofridas ao longo do tempo e que são visíveis nas fachadas externas das edificações. Também são avaliados os sinais de reparos ou alterações que respeitem as características estilísticas dos edifícios, distinguindo entre aquelas intervenções que preservam a integridade estética e histórica e aquelas que não. A análise também leva em conta a data das intervenções, identificando se foram realizadas recentemente ou ao longo do tempo.

Quanto aos tipos de uso dos edifícios na área de estudo, foram consideradas seis classificações: residencial, comercial, serviços, institucional, uso misto e sem uso definido/desocupado. Em conformidade com a Lei Complementar nº 93, que trata do uso e ocupação do solo em Ouro Preto, a classificação considera apenas edifícios de caráter residencial e não residencial. Esse padrão também foi utilizado neste estudo para categorizar as edificações.

A localização dos imóveis foi delimitada dentro de uma área hipotética, levando em consideração as regiões centrais da cidade, que estão inseridas dentro da Zona de Proteção Especial (ZPE), onde se concentra a maior parte dos edifícios estudados. A classificação da localização foi dividida em duas zonas: zona A (central) e zona B (periférica), sendo a Praça Tiradentes a referência central para a delimitação. A zona A é estabelecida na Praça Tiradentes e se estende até os arredores da Praça Reinaldo Alves de Brito. A zona B começa na Rua São José, vai até a Rodolpho Bretas e segue até o encontro com a Rua Antônio de Albuquerque. Além dos edifícios localizados nas zonas A e B, foram também analisados outros imóveis que não estão diretamente relacionados às tipologias centrais do estudo, mas que se relacionam ao uso das cores nos edifícios da cidade, com o objetivo de enriquecer a análise didática e crítica do trabalho.

Por fim, a última variante a ser analisada será a fidelidade dos princípios do estudo, ou seja, se cada edifício corresponde às características tipológicas e suas cores respectivas.

Figura 5 - Mapa de Localização das Tipologias.



Legenda.

- Zona A
- Zona B
- Pastiche Compositivo
- Ecletismo de Catálogo

Fonte: Google Earth, 2024.

### 6.1 Pastiche Compositivo.

Assim como exemplificado, a análise dos elementos de Pastiche Compositivo se inicia na área mais central do distrito sede. O edifício situado entre a Praça Tiradentes e a Rua das Flores chama a atenção pela sua localização estratégica e posicionamento. Para quem chega à cidade pela Rua Padre Rolim, vindo da rodoviária, o edifício se apresenta quase como um cartão de boas-vindas, marcando à primeira vista da Praça Tiradentes e formando uma perspectiva com o edifício da Escola de Minas e o antigo prédio da Câmara e Cadeia.

Os dois pavimentos do edifício são compostos por elementos clássicos, com ornamentos evidentes. As aberturas em arco pleno, por exemplo, são acompanhadas por colunas de ordem jônica nas extremidades. No segundo pavimento da fachada voltada para a Rua das Flores, um

medalhão datado de 1892 revela o período de concepção do projeto. Esses detalhes indicam claramente as influências estilísticas do edifício, embora a cobertura e, principalmente, as cores aplicadas não correspondam às usuais do final do século XIX.

Ao observar a posição do edifício e sua relação com o entorno, fica evidente uma tentativa de harmonia com o "Conjunto Alpoím", localizado ao lado e que se destaca pelo fechamento da Praça Tiradentes. A composição visual é conseguida, em grande parte, através da cor, já que as fachadas e esquadrias do edifício eclético seguem o padrão das edificações de tipologia luso-brasileira, com fachadas brancas e esquadrias em cores usuais. Isso faz com que as características estilísticas do edifício se tornem discretas para quem não atenta aos detalhes que o compõem.

Figura 7 - Vista em perspectiva da fachada do edifício OPC1, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 6 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC1, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

Entre os anos de 2009 e 2024, a composição cromática do edifício permaneceu praticamente inalterada, com exceção de uma repintura realizada em 2019. Essa repintura manteve as mesmas cores aplicadas anteriormente, exceto pelo soco do edifício. Até 2019, o soco era pintado de azul, mas, após a repintura, foi todo revestido de branco, assim como o restante das fachadas.

Esse edifício se apresenta como um caso singular no conjunto da Praça Tiradentes, possivelmente sendo único entre todos os outros edifícios analisados e comparados neste estudo. Isso gera questionamentos sobre sua autenticidade cromática e sobre a possível

necessidade de ele pertencer a um conjunto cromático distinto, de acordo com suas características tipológicas.

Logo à frente do edifício analisado, encontra-se o prédio do Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), administrado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O edifício do CAEM possui dois pavimentos com elementos arquitetônicos semelhantes aos encontrados em edificações da época na cidade, exceto pelas aberturas do andar térreo, que consistem em uma única entrada centralizada na fachada principal. No segundo pavimento, as aberturas são em arco pleno, com colunas dispostas simetricamente nas extremidades, seguindo a ordem jônica.

As cores aplicadas no CAEM seguem uma paleta coerente com as utilizadas na época para tipologias semelhantes, conforme estipulado pelo decreto de lei 312 do IPHAN e pela Lei Complementar 93 do município de Ouro Preto. As fachadas apresentam tons claros de amarelo, sendo que a parte inferior do primeiro pavimento possui uma tonalidade mais escura em comparação com a aplicada no segundo pavimento. Os elementos artísticos, como as colunas e cimalhas, são pintados em tonalidades mais claras, no caso, na cor branca.

Figura 9 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC2, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 8 - Vista frontal da fachada do edifício PC2, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

Ainda como parte do conjunto arquitetônico da Praça Tiradentes, o Observatório Astronômico da Escola de Minas, também administrado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), serve como outra referência importante. Embora não esteja localizado no

polígono central da praça, o observatório está anexado a um dos principais edifícios que compõem o espaço, integrando-se, portanto, ao conjunto arquitetônico da área.

O observatório está situado na esquina das ruas Henri Gorceix e Salvador Trópia, e apresenta características que chamam a atenção pela sua singularidade. Dentre essas características, destaca-se a cúpula em aço, que abriga o telescópio, e a parede curva que segue o traçado da calçada na esquina onde o edifício se encontra. O Observatório mantém suas características distintas, como aberturas de janelas e portas em arco pleno, além da aplicação de pilastras de ordem dórica nas fachadas e esquadrias. A estrutura é finalizada com uma platibanda e inscrições que identificam o edifício, mantendo sua identidade única dentro do contexto urbano.

Figura 10 - Vista da fachada do edifício PC3, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 11 - Vista da fachada do edifício PC3, ano 2012.



Fonte: Google Maps.

Figura 12 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC3, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

A partir dessa análise, é possível identificar um problema recorrente em diversos pontos e edifícios da cidade: a escolha e a relação das cores aplicadas às construções. Nas três imagens comparativas desde 2009, observa-se que o local passou por uma modificação na pintura em 2012, mantendo as mesmas características até os dias atuais, mas com descuidos em relação à conservação preventiva das fachadas. Na primeira imagem, é possível perceber as paredes pintadas de branco, enquanto os elementos decorativos, como pilastras e cimalkhas, foram pintados de cinza. Embora a parte interna do edifício tenha permanecido inalterada, os elementos decorativos, como pilastras, cimalkhas e inscrições, sofreram alterações visíveis.

A cor aplicada na parte superior do edifício, em 2012, é difícil de ser interpretada nas imagens registradas, e ainda hoje gera dúvidas quanto à escolha da tonalidade, principalmente devido ao desbotamento da pigmentação ao longo dos 12 anos desde a modificação. A cor se assemelha a um amarelo muito claro, quase indistinguível do branco presente na parte inferior do edifício.

Esse e outros casos levantam questionamentos sobre as modificações nas cores dos edifícios. Quais princípios metodológicos orientaram a escolha das cores para a pintura das edificações?

Ao concluir a análise dos edifícios de maior imponência, localizados nos limites da zona de estudo proposta, destacam-se os melhores resultados em termos de conservação e aplicação da cor, em conformidade com a tipologia e as diretrizes das instituições responsáveis pela normalização da cor. Embora os resultados observados nesses edifícios sejam satisfatórios,

ainda existem questionamentos sobre as relações entre a aplicação e escolha das cores e matizes para determinados edifícios.

Quanto aos edifícios da Escola Estadual Dom Pedro II, localizada na Rua das Flores e administrada pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, seu bloco principal apresenta uma implantação em declive. Este bloco se destaca por possuir elementos artísticos mais elaborados em comparação com outras construções da cidade, mantendo, no entanto, a mesma linha de elementos característicos da época, como cimalkhas, platibandas, pilares falsos e inscrições identificando o edifício.

Figura 13 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC4, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 14 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC4, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

No anexo, pode-se observar um pequeno edifício posicionado à lateral direita do bloco principal, destacando-se por sua arquitetura mais simples. Este edifício conta com duas janelas centrais, cimalkha, platibanda e um medalhão centralizado, sendo o medalhão de estilo mais simplificado em relação ao edifício principal.

Quanto à pintura dos edifícios, o bloco principal apresenta uma pigmentação na cor rosa na fachada, com elementos em branco e uma tonalidade mais escura nos escritos. A platibanda e o soco possuem variações de cor entre marrom e ocre, o que proporciona uma certa diversidade cromática. Essa variação de cores, visível desde a primeira imagem de 2009 até o momento atual em 2024, reflete o processo de degradação do edifício ao longo dos anos. Outro fator que contribui para essa variação na coloração é a obstrução causada pela vegetação frontal, que, ao ser exposta diretamente ao sol, contribui para o escurecimento e alteração das tonalidades do rosa.

Um aspecto curioso da análise é a coloração amarelada na divisa do muro voltado para a rua das Flores, totalmente divergente da cor atual da fachada. Contudo, essa tonalidade amarelada é relevante dentro do contexto histórico das cores utilizadas na tipologia da época, levantando questionamentos sobre a autenticidade dessa pintura desde 2009. Em 2014, uma nova intervenção foi realizada, mantendo a cor atual, o que contribuiu para a manutenção do padrão cromático.

Em contrapartida, o edifício anexo apresenta condições de conservação divergente em relação ao edifício principal. Embora as cores aplicadas sejam as mesmas, os matizes do edifício anexo são mais vivas e intensas. Quando comparadas com a imagem capturada em 2009, as condições atuais do edifício mostram um esmaecimento significativo na pintura do edifício principal, enquanto o edifício anexo ainda preserva seus tons mais fortes. No entanto, mesmo com os tons mais intensos, o edifício principal já apresentava sinais de desgaste e necessidade de intervenções preventivas, o que evidencia a falta de cuidados com a conservação ao longo do tempo.

Na Praça Reinaldo Alves de Brito, a análise realizada foca na relação das cores de dois edifícios específicos. O primeiro abriga atualmente o Ministério Público de Minas Gerais, sob administração do Estado de Minas Gerais. Enquanto isso, o segundo edifício é o Cineteatro Vila Rica, administrado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que se encontra atualmente fechado para reformas.

Apesar das semelhanças nos elementos artísticos presentes em ambos os edifícios, é notável que existem diferenças marcantes em termos de volumes, implantações e concepções arquitetônicas. No entanto, essas divergências se tornam menos evidentes quando nos referimos às pinturas atuais dos dois edifícios. Atualmente, ambos apresentam as mesmas cores, embora as condições de degradação ao longo do tempo sejam evidentes. O edifício que abriga o Ministério Público, por exemplo, mostra uma aparência mais bem conservada em comparação com o edifício do Cineteatro.

A análise das imagens de 2009 e 2024 revela uma diferença significativa nas tonalidades aplicadas. O edifício do Ministério Público, na época, apresentava uma cor mais vibrante, enquanto o Cineteatro exibia uma tonalidade mais suave, quase esbranquiçada. Essa discrepância pode ser explicada por diversos fatores, como a qualidade das imagens capturadas, a incidência de luz no momento da fotografia e, principalmente, a deterioração natural do revestimento das fachadas ao longo dos anos. Esses elementos contribuem para a percepção visual de variação de cores, dificultando a comparação precisa entre os edifícios ao longo do tempo.

Figura 15 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC5, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 16 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC5, ano 2014.



Fonte: acervo do autor.

Figura 17 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC5, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

Em 2014, o edifício do Ministério Público passou por uma pequena alteração em relação às cores aplicadas anteriormente, especificamente no soco da fachada. Anteriormente, esse componente estava pintado de cinza, mas em 2014, ele passou a adotar as mesmas cores que foram aplicadas à parte superior das fachadas, alinhando-se assim ao restante da edificação.

É relevante observar que tanto as fachadas quanto as janelas de ambos os edifícios estão pintadas de marrom, o que reforça uma certa coerência cromática entre as duas construções. No entanto, as diferenças visíveis entre os volumes dos edifícios estão principalmente relacionadas ao desgaste e à degradação natural das superfícies ao longo do tempo. Essas variações de cor e desgaste levantam questionamentos sobre a uniformidade estética em relação ao conjunto colonial ao redor, formado por diversos edifícios históricos da área.

A preocupação com a harmonia entre as cores e a preservação da estética do conjunto pode gerar um dilema sobre a uniformidade visual, sugerindo que a ideia de um "conjunto uniforme" de edificações pode não ter existido originalmente, mas sim sido moldada ao longo do tempo com base em intervenções e percepções contemporâneas. Tal reflexão destaca os desafios de se manter uma identidade visual que respeite tanto a história quanto a diversidade das intervenções feitas ao longo dos anos.

Figura 18 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC6, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 19 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC6, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

É interessante notar que, entre os edifícios analisados, alguns seguem uma tendência cromática comum no conjunto colonial da região, utilizando principalmente tonalidades de amarelo e azul. Essa escolha de cores parece ser uma tentativa de harmonizar as construções com o ambiente histórico da área central, mantendo uma conexão visual com a estética predominante, que remonta a uma época colonial. Essas cores têm uma forte presença na identidade arquitetônica local, reforçando a continuidade visual do espaço urbano.

Ao concluir a avaliação dos edifícios de menor expressão, um exemplo destacado na Rua São José ilustra bem os desafios enfrentados quanto à conservação e ao tratamento das cores nos edifícios urbanos. Como nos casos anteriores, os problemas observados no edifício

em questão refletem a necessidade sobre a importância da manutenção adequada das cores e da preservação da integridade estética da cidade. Este edifício, embora de menor expressão, serve como um alerta sobre os riscos que as modificações inadequadas e a falta de conservação podem trazer, comprometendo a coesão visual e o valor histórico do entorno.

Figura 21 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC7, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 20 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC7, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

A análise do edifício localizado na Praça Silviano Brandão destaca aspectos importantes sobre a manutenção e a conformidade das cores aplicadas à arquitetura histórica da cidade de Ouro Preto. Na imagem de 2009, a tonalidade predominante do edifício seguia as cores típicas de um edifício luso-brasileiro, com o azul e branco, algo presente em muitos outros exemplos da cidade. No entanto, as intervenções posteriores na pintura revelam uma significativa divergência em relação às diretrizes legais que orientam a preservação do patrimônio, especialmente no que se refere ao uso adequado das cores e à tipologia dos edifícios.

Um dos pontos mais críticos observados na modificação das cores é a diferença marcante entre a parte inferior e a parte superior do edifício, que, embora componham uma unidade arquitetônica, foram tratadas de forma desigual. A escolha do tom azul aplicado nas esquadrias e no soco do edifício, com uma variação para lilás, é um exemplo claro de cor atípica para a tipologia do edifício, algo que não corresponde às condições tradicionais de outros exemplares na cidade. Esse tom lilás cria um contraste

abrupto, especialmente quando comparado à parte superior do edifício, que apresenta cores mais neutras.

Além disso, a falta de intervenção na parte superior desde 2009, refletida pelo desgaste e esmaecimento das esquadrias e elementos artísticos, evidencia a necessidade de uma manutenção preventiva mais eficaz. Isso não apenas compromete a aparência do edifício, mas também pode levar a um agravamento dos danos no futuro.

O edifício, localizado de forma estratégica entre as ruas São José e Getúlio Vargas, pontos de grande circulação e comércio, é um marco no contexto urbano da cidade. No entanto, ao contrário de outros edifícios da área, como a Escola Dom Pedro II, que apresentam uma maior volumetria, o edifício em questão tem apenas um pavimento.

Figura 23 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC8, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 22 - Vista em perspectiva da fachada do edifício PC8, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

A comparação entre as imagens de 2009 e 2024 do edifício em questão revela que, embora as condições cromáticas aparentem boa conservação, surgem questionamentos pertinentes quanto à escolha das cores empregadas. A repetição de tonalidades como azul e amarelo, comuns em outros edifícios analisados, levanta a dúvida se essa escolha é resultado de um planejamento consciente para a harmonização do conjunto arquitetônico ou simplesmente uma decisão ocasional, influenciada pelos administradores do local.

Neste caso específico, a combinação de azul e amarelo segue uma abordagem semelhante à observada em outros exemplares, utilizando o contraste entre claro e escuro, que é uma característica recorrente na tipologia luso-brasileira. A fachada apresenta um amarelo escuro, uma tonalidade pouco usual quando considerada sob a

ótica das diretrizes reguladoras para edificações de valor histórico. Por outro lado, os elementos artísticos e as esquadrias se destacam em tons mais amenos e claros, como o branco, que se alinha aos estudos cromáticos tipológicos para o estilo, conferindo um equilíbrio parcial à composição.

## 6.2 Ecletismo de Catálogo.

A análise dos edifícios classificados como pertencentes ao Ecletismo de Catálogo em Ouro Preto revela uma série de desafios e questões compartilhadas com os edifícios de Pastiche Compositivo, além de especificidades que merecem destaque no contexto urbano e histórico da cidade. Esses edifícios, situados principalmente nos limites do centro histórico ou em áreas adjacentes, como a Rua Randolpho Bretas, levantam importantes reflexões sobre sua preservação, especialmente no que diz respeito às suas condições cromáticas e à responsabilidade do poder público na fiscalização e manutenção desses bens.

A localização periférica desses exemplares destaca um ponto sensível: apesar de estarem fora do núcleo central, eles desempenham papel relevante na composição do ambiente histórico e na continuidade estética da paisagem urbana. Nesse sentido, a conservação das cores não apenas individualmente, mas também em conjunto com o entorno, é essencial para preservar a harmonia do patrimônio.

Dos três exemplares presentes na Rua Randolpho Bretas, felizmente, todos se encontram em boas condições de conservação. No entanto, suas características cromáticas variam. Um dos exemplares apresenta similaridades com os padrões observados em edifícios de Pastiche Compositivo, com cores e contrastes que, embora visivelmente cuidadosos, divergem parcialmente das diretrizes regulamentares tradicionais. Por outro lado, os outros dois exemplares destacam-se pela coerência e adequação de suas paletas cromáticas em relação às características estilísticas e tipológicas de suas construções, sendo considerados modelos exemplares de conformidade e preservação.

O edifício dos Correios, localizado a poucos metros da Praça Tiradentes, na esquina entre a Rua Conde de Bobadela e a Praça Reinaldo Alves de Brito, destaca-se como um dos raros exemplares do Ecletismo de Catálogo situados na zona A da área central de Ouro Preto. Sua localização privilegiada e sua escala consideravelmente maior em relação aos edifícios vizinhos o tornam um marco visual importante na paisagem urbana, embora sua inserção respeite a harmonia estética do conjunto.

Apesar de sua imponência, o edifício segue características tipológicas comuns aos demais exemplares analisados, apresentando dois pavimentos com aberturas retangulares e esquadrias acompanhadas de bandeiras superiores. O registro fotográfico de 2009 revela uma pintura recente e bem conservada, com paredes em tonalidade clara de azul, enquanto os elementos artísticos da fachada, como platibandas, falsas pilastras e cimalthas, são destacados em branco. O soco do edifício, por sua vez, apresenta um tom acinzentado discreto, reforçando a diferenciação de suas bases.

No entanto, ao longo dos anos, a ausência de intervenções significativas resultou em uma degradação perceptível nas fachadas. A análise das mudanças entre 2009 e 2024 sugere duas hipóteses principais: a despigmentação progressiva do matiz original devido à ação do tempo ou a realização de uma repintura com tonalidades muito próximas às originais, o que dificultaria a percepção de alterações mais expressivas. Seja qual for o caso, as tonalidades claras que predominam atualmente, especialmente o branco quase uniforme da fachada, contribuíram para uma integração visual mais discreta do edifício ao conjunto luso-brasileiro, ao mesmo tempo em que enfraqueceram sua identidade cromática.

Figura 25- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC1, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 24- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC1, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

Os edifícios localizados na Rua São José e na Praça Silviano Brandão, ambos analisados neste estudo, apresentam usos distintos, com funções mistas e estritamente comerciais, respectivamente. Esses edifícios se destacam por sua integração com o conjunto luso-brasileiro, característica predominante da área central de Ouro Preto.

Os dois edifícios situados na Rua São José possuem divisas em parede e meia, configurando-se como elementos integrantes do tecido urbano contínuo. Essa disposição

reforça a conexão com o contexto arquitetônico local, tanto em termos de volumetria quanto de composição cromática. É notória a preocupação com a escolha de cores em harmonia com o ambiente histórico, evidenciando uma tentativa de integração com o entorno.

Figura 27- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC2, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 26- Vista em perspectiva da fachada do edifício PC8, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

A análise comparativa entre os registros de 2009 e 2023 reforça a coerência na escolha cromática e o cuidado preventivo com a conservação dos edifícios situados na Rua São José. Ao longo de 14 anos, ambos mantiveram aspectos estéticos notáveis, sem alterações significativas que comprometessem a integridade de suas fachadas ou desrespeitassem as diretrizes institucionais de preservação.

Nota-se que os matizes utilizados também parecem estar em conformidade, em parte, com as regulamentações institucionais que orientam as diretrizes de cores no município. As paredes apresentam tonalidades claras, como exigido, enquanto as faces das aberturas exibem tonalidades mais fortes, em linha com as diretrizes para pintura de edifícios coloniais. Isso destaca novamente como as edificações ecléticas se alinham muitas vezes às soluções comumente aplicadas na maior parte do conjunto luso-brasileiro.

Figura 28- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC3, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 29- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC3, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

O primeiro edifício a ser analisado rua Randolpho Bretas, assim como os outros exemplares, está implantado em declive acentuado, fazendo a divisão entre dois edifícios de tipologias coloniais.

Neste caso, destaca-se a comparação com a análise inicial realizada neste trabalho, envolvendo o edifício eclético em relação ao "Conjunto Alpoin" na Praça Tiradentes. As cores empregadas remetem às construções coloniais, com a tradicional combinação de amarelo e azul, que também se faz presente nos edifícios adjacentes. Nessas edificações, observa-se a aplicação das cores de maneira oposta.

Figura 30- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC4, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 31- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC4, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

A análise realizada desde 2009 revela um bom estado de conservação em comparação com a imagem atual. Entre as principais diferenças entre o edifício em questão e seus vizinhos estão as cimalthas e o alpendre, cuja pigmentação pode passar despercebida em relação à sua tipologia. Esse fato é preocupante nos pequenos conjuntos que se formam ao longo da cidade, forçando a tipologia a se apresentar como a maioria presente na cidade.

Nota-se que, como mencionado anteriormente, dois dos melhores exemplos de coerência tipológica e cores estão presentes na mesma rua. Ambos os edifícios têm pequenas dimensões e fachadas bastante semelhantes, com alpendres laterais e elementos decorativos, como consolas nas janelas.

No primeiro edifício, observa-se a presença de duas cores distintas ao longo dos 14 anos de comparações realizadas, em 2009 a fachada pintada em cor amarela, também possuía coerência com as aplicações especificadas pelas leis reguladoras, apresentando matizes claras nas fachadas, exceto nas folhas das aberturas, onde era possível ver a aplicação marrom. Já em meados do ano de 2017, houve uma mudança para uma tonalidade rosada, com as folhas, esquadrias e elementos artísticos pintados de branco, mantendo essa aparência até os dias atuais.

Figura 32- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC5, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 33- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC5, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

A segunda edificação, por sua vez, mantém as mesmas cores aplicadas desde o ano de 2019, tendo passado apenas por uma repintura das fachadas com a mesmo matiz. Essa intervenção preserva a coerência com as diretrizes estabelecidas pelos órgãos reguladores.

Figura 35- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC6, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 34- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC6, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

A falta de coerência cromática nas últimas três edificações analisadas é evidente, e cada uma delas apresenta suas próprias características e localizações específicas. O edifício na rua Conselheiro Santana, próximo à Basílica Matriz de Nossa Senhora do Pilar, tem um uso misto e está inserido entre residências de tipologia colonial, formando um conjunto urbano ao redor do edifício religioso. Este não é o único edifício eclético na área.

Figura 37- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC7, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 36- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC7, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

A divergência entre as condições cromáticas em 2009 e as atuais é evidente, com ambas as representações indo contra os padrões estabelecidos pelas diretrizes municipais e federais. A tonalidade aplicada até 2023 mostrava-se em desacordo com as características tipológicas do edifício, mantendo-se inalterada ao longo de 14 anos. As condições atuais, embora também incongruentes, exibem uma cor branca em todo o edifício, incluindo nos elementos artísticos e faces das aberturas.

A presença de cores fortes nos elementos artísticos e faces das vedações do edifício localizado na rua Paraná destaca-se em meio às edificações coloniais vizinhas. A edificação é marcada especialmente devido à presença de quatro cores distintas aplicadas no mesmo edifício. Além disso, a pintura na parte superior dos arcos, que coincide com a cor do soco, e a ordem das colunas e cimalha, abrem o questionamento da escolha das cores e da aplicação executada.

Figura 39- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC8, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 38- Vista em perspectiva da fachada do edifício EC8, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

Na análise das imagens, as cores atualmente presentes no edifício estão em vigor desde 2009. O imóvel, sob a responsabilidade da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), é geralmente designado para alojamento estudantil.

### 6.3 Outros Casos a Destacar.

Diante da ênfase deste estudo na análise das cores aplicadas aos edifícios ecléticos, verificou-se em campo uma recorrência de escolhas cromáticas diversas nos edifícios de tipologia luso-brasileiras, que também fazem arte do conjunto urbano, especialmente em fachadas cuja pigmentação se distancia das diretrizes históricas e regulamentares. A maioria dessas intervenções, fruto de modificações recentes, contrasta com casos em que as alterações já se estabeleceram ao longo de períodos mais extensos, resultando em uma gradual descaracterização.

No presente caso, a análise de dois edifícios situados em relativa proximidade ilustra como as escolhas equivocadas de cores têm se consolidado nas edificações, comprometendo gradativamente as referências tipológicas tradicionais. Este fenômeno não apenas altera a percepção estética dos imóveis, mas também afeta a integração harmoniosa com o conjunto urbano, destacando a necessidade urgente de medidas mais efetivas de fiscalização e orientação técnica.

O primeiro caso, está localizado na rua Antônio Albuquerque, em edifício inserido no conjunto de casas de tipologia colonial, área expressiva do ponto de vista edificado, ligado diretamente ao entorno da Basílica de Nossa Senhora do Pilar.

Figura 41- Edifício da rua Antônio de Albuquerque, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 40- Edifício da rua Antônio de Albuquerque, ano 2024.



Fonte: acervo do autor.

A análise realizada entre 2009 e 2021 revela um edifício com esquadrias pintadas de azul e paredes na cor branca, conforme determinado pelas diretrizes de pintura estabelecidas

pela regulamentação vigente. Entretanto, intervenções realizadas em 2021 resultaram na substituição das cores e matizes aplicados na fachada, com a aplicação de um tom claro e rosado nas paredes, e um azul de intensidade forte nas esquadrias, cores comuns nos catálogos oferecidos por marcas de tintas.

Figura 43- Vista em perspectiva do edifício da rua Antônio de Albuquerque para o entorno.



Fonte: acervo do autor.

Figura 42- Vista parcial em perspectiva do edifício da rua Antônio de Albuquerque para o seu entorno.



Fonte: acervo do autor.

Os resultados da intervenção não apenas afetam o próprio edifício, mas também o entorno no qual está inserido, causando uma significativa alteração visual. As imagens em perspectiva ilustram o posicionamento do edifício em relação ao traçado urbano circundante, gerando um considerável desconforto visual.

O último edifício analisado, situado entre as ruas Conselheiro Rocha e João B. Fortes, também inserido a poucos metros da Basílica de Nossa Senhora do Pilar, revela uma adaptação das cores aplicadas de acordo com o tipo de negócio estabelecido no local, sendo de uso estritamente comercial. Isso resulta em cores e matizes que não são usuais na tipologia do edifício, com mudanças frequentes em um curto período de tempo. Fazendo com que o edifício e seu entorno, desassocie suas referências visuais com as cores implementadas.

Figura 45- Vista em perspectiva do edifício situado na rua Conselheiro Rocha, ano 2009.



Fonte: Google Maps.

Figura 44- Vista em perspectiva do edifício situado na rua Conselheiro Rocha, ano 2014.



Fonte: Google Maps.

Figura 47- Vista em perspectiva do edifício situado na rua Conselheiro Rocha, ano 2019.



Fonte: Google Maps.

Figura 46- Vista em perspectiva do edifício situado na rua Conselheiro Rocha, ano 2023.



Fonte: acervo do autor.

Em 2009, o edifício ainda apresentava cores que, apesar dos matizes das esquadrias apresentarem tons vivos e brilhantes, ainda coincidiam dentro das características aplicada na tipologia, fazendo com que o edifício ornasse com o seu entorno.

A partir do ano de 2014, é possível perceber uma mudança não apenas nas cores que compõem o edifício, mas também naquelas aplicadas na marca da empresa impressa na placa de identificação, posicionada acima de uma das entradas do edifício. Observa-se uma alteração visual da pintura aplicada nas esquadrias para o mesmo tom de marrom aplicado no fundo da placa, enquanto a cor azul permanece no soco e o tradicional branco nas paredes.

Em meados de 2017, o local foi mais uma vez objeto de alterações, com a divisão da unidade em duas partes. Uma delas recebeu intervenção com coloração verde em tom vibrante nas esquadrias, além da pintura do soco e dos cachorros na mesma cor aplicada nas paredes, que permaneceram totalmente brancas. Na outra parte, as esquadrias mantiveram as mesmas cores aplicadas no ano de 2014, inclusive com deteriorações e esmaecimentos aderidos ao longo do tempo.

Esse evento marca a divisão da unidade e evidencia intervenções com cores e matizes inadequados às condições tipológicas do edifício e de seu conjunto. Isso mostra intervenções realizadas ao longo de um longo período de tempo, sem considerar escolhas técnicas e embasamento histórico, como observado ao longo dos 14 anos documentados por registros fotográficos na cidade.

#### 6.4 Análise urbana das edificações.

Com base nas informações obtidas a partir da análise individual de cada edifício e de sua respectiva tipologia, a avaliação gráfica, realizada por meio da delimitação das zonas classificadas e das tipologias de cada edificação, permite uma compreensão mais clara do posicionamento espacial dos elementos distribuídos na cidade. Essa abordagem facilita a identificação e a confirmação de padrões e distribuições, que, em uma análise puramente descritiva, se tornam mais complexas de afirmar e visualizar.

No contexto do espaço urbano delimitado, as duas zonas definidas são separadas por uma extensa área verde situada no limite central do distrito-sede, conhecida como Parque Horto dos Contos. A visualização espacial revela essa característica de maneira clara, observando-se o agrupamento das edificações nos lados direito e esquerdo da figura 47. Essa área verde parece dividir as duas zonas estudadas quase ao meio. Apesar da divisão ter sido conduzida de maneira espontânea para fins de classificação das zonas neste trabalho, pode-se concluir que essa separação também se estabelece de forma geográfica.

Ao analisar as edificações com base nas informações gráficas, observa-se que, das 16 construções estudadas, metade (8) foi classificada como pertencente ao grupo que apresenta características do Pastiche Compositivo, enquanto as outras 8 foram identificadas como relacionadas ao Eclétismo de Catálogo. A análise visual sugere uma tendência clara na distribuição dessas tipologias entre as zonas demarcadas.

As edificações do tipo Pastiche Compositivo predominam na Zona A, identificada como a área central do distrito-sede, onde 6 das 8 edificações deste grupo estão localizadas. Esse

padrão se reflete de maneira semelhante para as edificações associadas ao Ecletismo de Catálogo, que se concentram majoritariamente na Zona B. Esta zona, caracterizada como “periférica” devido ao seu afastamento geográfico do centro, abriga 6 das 8 construções classificadas com esta tipologia.

Assim, a análise destaca uma distribuição espacial significativa das tipologias arquitetônicas, indicando uma maior concentração de cada uma das tipologias nos zoneamentos aplicados.

Em relação aos edifícios que não se enquadram na tipologia predominante de suas respectivas zonas, no caso do Ecletismo de Catálogo, observa-se que as duas únicas edificações localizadas na Zona A, predominantemente composta por edifícios de Pastiche Compositivo, situam-se na fronteira dessa zona, nas proximidades do Parque Horto dos Contos. Essa localização sugere a existência de uma zona de transição entre os estilos tipológicos, indicando uma sobreposição gradual das características arquitetônicas.

Quanto às duas edificações de Pastiche Compositivo presentes na Zona B, que é majoritariamente composta por edifícios classificados no Ecletismo de Catálogo, nota-se que elas não estão necessariamente próximas à Zona A. Essa aparente desconexão pode ser atribuída a uma variedade de fatores, possivelmente relacionados ao contexto histórico, funcional ou social dessas construções. No entanto, mesmo neste caso, é possível aplicar a mesma lógica de análise, reconhecendo a complexidade e a diversidade das influências que moldam a distribuição espacial das tipologias arquitetônicas no distrito.

## 7. ANÁLISE DAS VARIANTES.

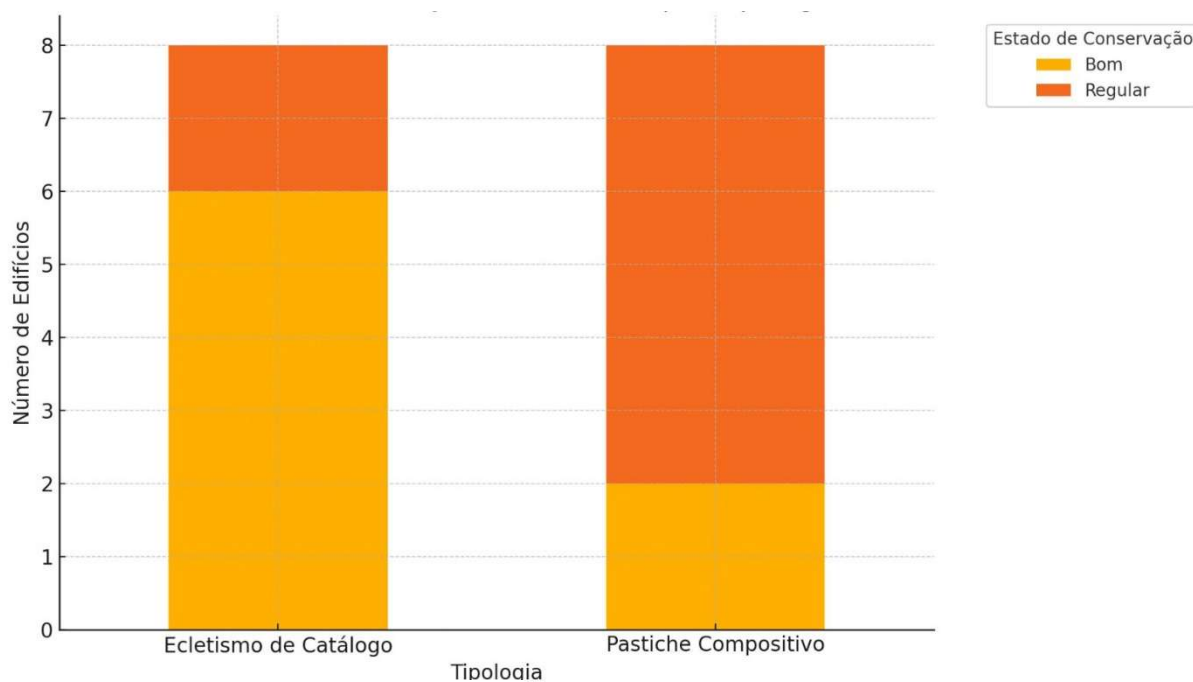
Tabela 1: tabela de análise das variantes.

<b>Tipologia</b>	<b>Estado de Conservação</b>	<b>Presença de Alteração</b>	<b>Tipo de Uso</b>	<b>Localização</b>	<b>Fidelidade aos princípios do Estudo</b>
PC1	Bom	Não	Não Residencial	Zona A	Não
PC2	Regular	Não	Não Residencial	Zona A	Sim
PC3	Regular	Sim	Não Residencial	Zona A	Não
PC4	Regular	Não	Não Residencial	Zona A	Não
PC5	Bom	Não	Não Residencial	Zona A	Não
PC6	Regular	Não	Não Residencial	Zona A	Não
PC7	Bom/Regular	Sim	Misto	Zona B	Não
PC8	Regular	Não	Não Residencial	Zona B	Sim
EC1	Regular	Não	Não Residencial	Zona A	Sim
EC2	Regular	Não	Não Residencial	Zona B	Sim
EC3	Bom	Não	Não Residencial	Zona B	Sim
EC4	Bom	Não	Residencial	Zona B	Não
EC5	Bom	Sim	Residencial	Zona B	Sim
EC6	Bom	Não	Residencial	Zona B	Sim
EC7	Bom	Sim	Misto	Zona B	Não
EC8	Bom	Não	Residencial	Zona A	Não

Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

Ao prosseguir com a análise dos dados apresentados na tabela das variantes, observa-se que as possibilidades geradas por esse tipo de estudo são vastas. Dessa forma, foram aplicadas cinco análises distintas, cada uma representada separadamente em gráficos, visando a melhor visualização e compreensão dos resultados obtidos a partir do cruzamento dessas informações. No estudo, foram cruzados os seguintes conjuntos de dados: tipologia e estado de conservação; tipologia e presença de alterações; estado de conservação, tipo de uso e presença de alterações; localização, fidelidade aos princípios do estudo e tipos de uso. Esse processo permitiu encerrar a análise com o cruzamento dos dados considerados mais relevantes para a interpretação das informações levantadas.

Gráfico 1: Estado de Conservação dos edifícios por tipologia.

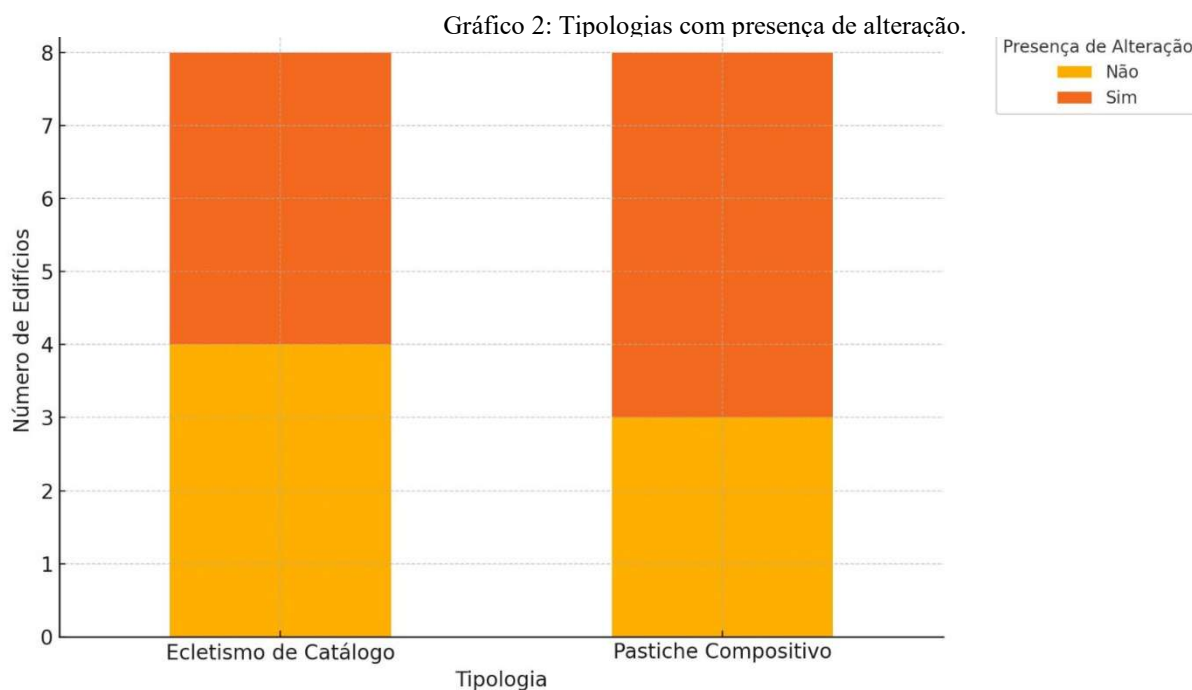


Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

O primeiro gráfico referente ao cruzamento das variáveis estabelecidas apresenta duas informações principais: o estado de conservação e o número de edifícios por tipologia. A leitura inicial desse gráfico destaca a ausência de edificações em estado crítico, o que indica que nenhum dos edifícios analisados se encontra em condições de abandono, ruína ou com danos patológicos severos. Esse dado sugere que, no contexto deste estudo, a quantidade de edificações em estado crítico é inexistente.

Em contrapartida, os edifícios em bom e regular estado de conservação apresentam uma distribuição inversamente proporcional nas duas tipologias abordadas. Na tipologia "Ecletismo

de Catálogo", foram identificados seis edifícios em bom estado de conservação, enquanto três estão em estado regular. Já na tipologia "Pastiche Compositivo", os resultados mostram uma inversão: apenas dois edifícios foram classificados em bom estado de conservação, enquanto seis foram categorizados como estando em estado regular. Essa disparidade entre as tipologias reforça as diferenças no estado de preservação dos edifícios analisados no estudo.



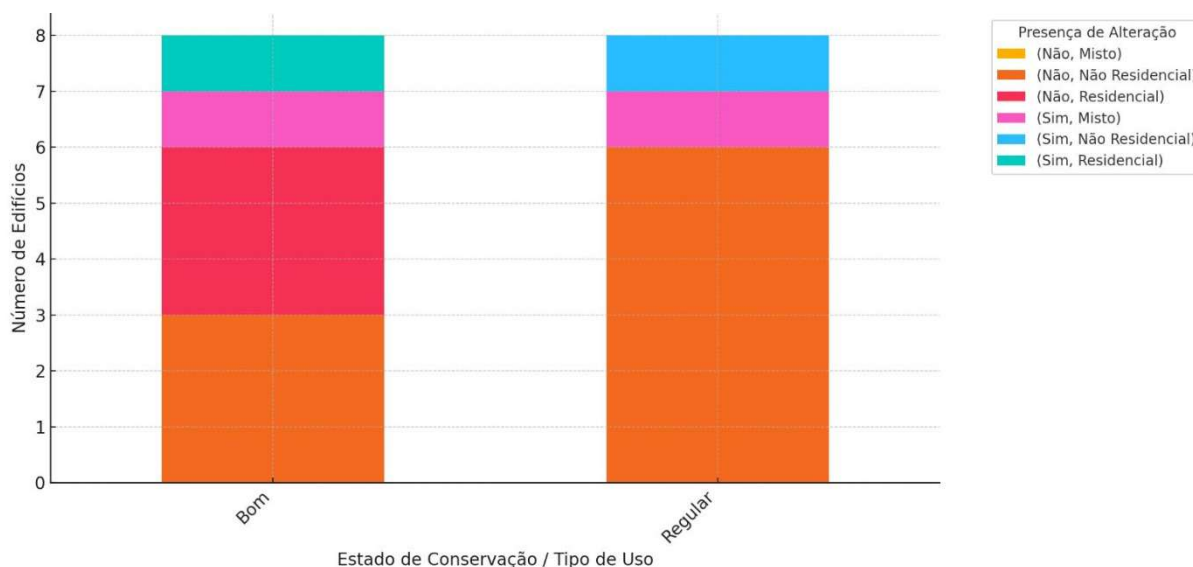
Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

No gráfico referente ao cruzamento das variáveis de comparações tipológicas e presença de alterações, as informações indicam uma quase igualdade no número de edifícios que sofreram intervenções na camada pictórica ao longo dos últimos 15 anos, comparando-se a primeira imagem registrada dos edifícios em 2009 até o ano de 2024. Especificamente, os edifícios classificados como "Ecletismo de Catálogo" apresentaram uma margem superior, com quatro edifícios que passaram por alterações, em comparação a três edifícios da tipologia "Pastiche Compositivo".

Essa margem, embora sutil, revela que as alterações são similares ou até inferiores em relação à maioria dos edifícios estudados em ambas as tipologias. Esse resultado é surpreendente, considerando os fatores ambientais adversos da região, como as intempéries, que geralmente acarretam desgastes significativos nas edificações. Dado esse cenário, seria esperado que os edifícios tivessem passado por modificações ou retoques em suas camadas pictóricas mais de uma vez ao longo de um período de 15 anos, o que torna os resultados

observados bastante preocupantes em relação a conservação preventiva ou corretiva dos mesmos.

Gráfico 3: estado de conservação, tipo de uso e presença de alteração.



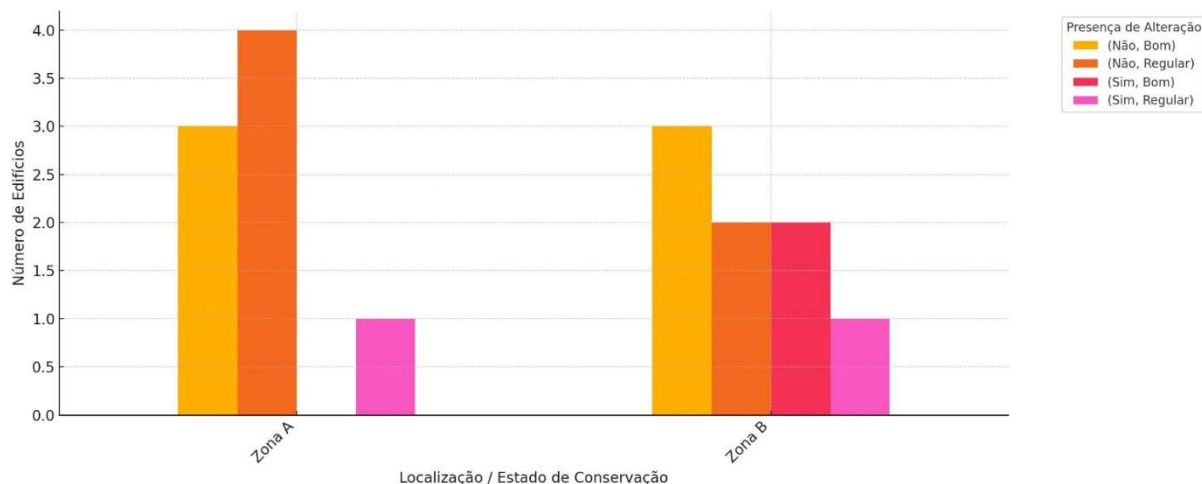
Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

Ao realizar análises mais complexas com base em três variáveis — estado de conservação, tipo de uso e alterações — é possível observar que a maioria dos edifícios analisados no estudo tem uso não residencial. Dos 16 edifícios incluídos no levantamento, nove possuem essa característica, indicando que a maior parte dos edifícios ecléticos nas zonas A e B são utilizados para fins institucionais, comerciais ou de serviços. Além disso, esses edifícios não residenciais concentram a maior quantidade de construções em estado regular, com seis dos nove levantados necessitando de algum tipo de intervenção corretiva.

No que diz respeito aos edifícios de caráter residencial, apenas quatro exemplares foram identificados, todos em bom estado de conservação, sendo que um deles passou por alterações nos últimos 15 anos. Isso evidencia que, apesar das dificuldades em obter informações nos órgãos responsáveis pela regulamentação da cidade para a caracterização da pintura das edificações, essas construções servem como bons exemplos em termos de preservação e conservação, especialmente quando comparadas às edificações não residenciais presentes nas zonas analisadas. Os edifícios de uso misto, embora representem uma tipologia importante, têm se tornado cada vez mais raros dentro do perímetro estudado. Apesar de muitos serem

originalmente designados para múltiplos usos, na prática, são geralmente utilizados para apenas uma função. Foram identificados dois exemplares de uso misto, com condições distintas de conservação: um em bom estado e o outro em estado regular, ambos apresentando evidentes alterações desde o ano de 2009.

Gráfico 4: estado de conservação, localização e presença de alteração.



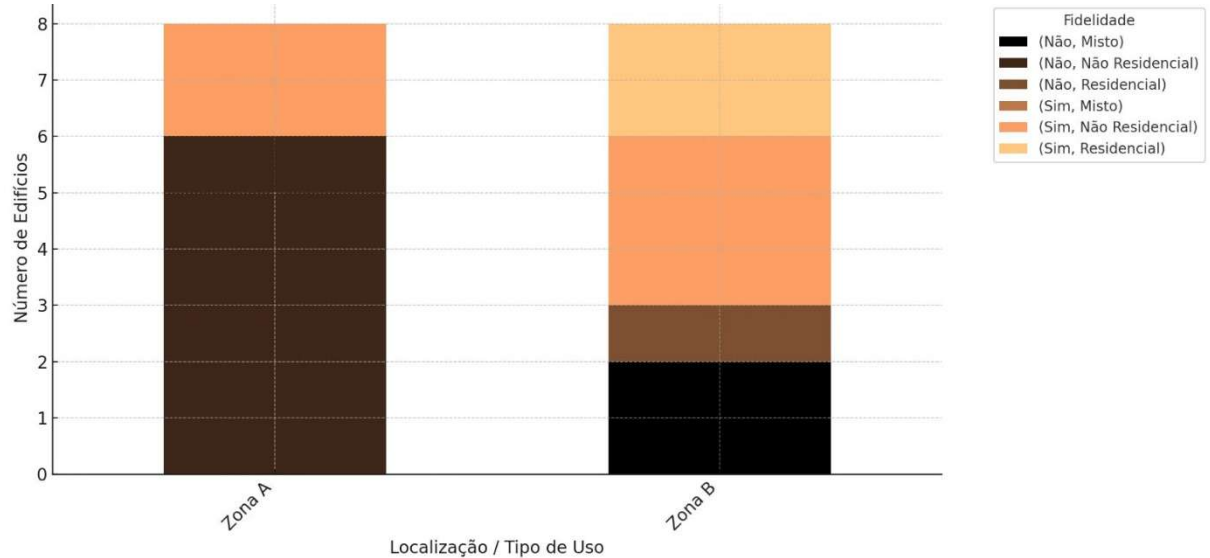
Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

Uma das análises mais complexas realizadas, que envolve o estado de conservação, localização e a presença de alterações, revela dados importantes sobre a situação das edificações nas zonas A e B. Na zona A, destaca-se a maior concentração de edifícios em estado regular de conservação, sendo quatro dos oito edifícios estudados nessa área. Desses, nenhum sofreu alterações ao longo do tempo, embora todos necessitem de algum tipo de intervenção corretiva.

Em ambas as zonas, há três edifícios em bom estado de conservação, que não apresentaram modificações desde 2009. No entanto, proporcionalmente, a zona B possui mais edificações em bom estado de conservação do que a zona A, em razão do elevado número de prédios em estado regular na primeira. Na zona B, o número de edifícios que sofreram intervenções é equivalente ao daqueles que não passaram por modificações, com dois edifícios em cada grupo, totalizando quatro. Metade deles está em estado regular e a outra metade em bom estado de conservação.

Por outro lado, na zona A, não há registro de edifícios que tenham sofrido alterações e estejam em bom estado de conservação. Tanto na zona A quanto na B, observa-se um padrão na quantidade de edifícios que passaram por modificações e que se encontram em estado regular de conservação, com duas edificações em cada zona.

Gráfico 5: tipo de uso e fidelidade.



Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

O último gráfico interpretativo das variáveis analisadas neste trabalho considera o tipo de uso, localização e fidelidade aos princípios do estudo. Um dado significativo é a baixa fidelidade aos princípios do estudo na zona A. Dos oito edifícios analisados nessa área, seis não seguem esses princípios, o que indica um desvio em relação às diretrizes fidedignas nas cores aplicadas nesses edifícios. Outro ponto relevante é que todos os edifícios estudados na zona A são de caráter não residencial, o que demonstra uma predominância absoluta desse tipo de uso na região, refletindo o perfil funcional e as características dos imóveis localizados na localidade.

Na zona B, os resultados são mais positivos em termos de fidelidade aos princípios do estudo. Dos seis edifícios analisados, há um equilíbrio entre os usos: três são de caráter não residencial e três de uso residencial. Essa diversidade no uso dos imóveis também reflete uma melhor adequação às cores aplicadas, com a maioria das edificações adequadas a fidelidade aos princípios do estudo. As únicas exceções são as edificações de uso misto, que não seguem integralmente os princípios, como já discutido em análises anteriores. Esse contraste reforça a distinção entre as zonas A e B em termos de uso entre as variáveis indicadas.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Este estudo foi desenvolvido com o intuito de destacar a importância das cores na preservação do patrimônio arquitetônico e cultural de Ouro Preto, especialmente no que diz respeito aos edifícios ecléticos, que são componentes essenciais da identidade histórica da cidade. A cor, além de sua função estética, desempenha um papel fundamental na manutenção da autenticidade do conjunto arquitetônico, refletindo as transformações sociais e culturais ao longo do tempo. A análise das escolhas cromáticas e das intervenções realizadas nesses edifícios, alinhada às políticas de conservação, evidencia como as alterações inadequadas podem comprometer a integridade histórica da cidade, o que torna ainda mais necessária a documentação do estado atual das cores nos edifícios ecléticos.

A base virtual utilizada para a realização do trabalho demonstrou-se eficaz e satisfatória, sobretudo pelo extenso banco de dados disponível, cujo acesso seria inviável de forma física para a análise do patrimônio eclético nos últimos 15 anos. Contudo, algumas limitações, previamente discutidas nos capítulos iniciais, tornam-se evidentes, especialmente no que diz respeito à reação das cores em diferentes ambientes, sejam eles observados *in loco* ou de forma virtual. As imagens coletadas nos bancos de dados podem não refletir com precisão total as cores reais, em virtude de fatores como ângulos desfavoráveis e condições de luminosidade variáveis.

Apesar dessas restrições, a ferramenta Google Maps provou ser uma aliada valiosa. Ela fornece subsídios significativos para a identificação de tendências e padrões, funcionando como uma base robusta para estudos que visem aprofundar o conhecimento sobre a preservação e a interpretação do patrimônio edificado.

Ao longo das análises individuais dos edifícios, observou-se uma série de semelhanças nas cores aplicadas aos edifícios ecléticos, remetendo a edificações de tipologia luso-brasileira, especialmente nas áreas de maior destaque do conjunto urbano. Essa constatação corrobora uma hipótese levantada na introdução deste trabalho, na qual se indicava que, em certos conjuntos, as construções ecléticas apresentavam cores divergentes de suas características, com o objetivo de preservar a paisagem predominante do conjunto luso-brasileiro. No entanto, essa tendência não se restringiu a essas áreas, sendo observada em diversos pontos analisados ao longo do estudo. Esse fenômeno, de certa forma, dilui o contexto histórico e construtivo da tipologia eclética, transformando as cores em elementos meramente compositivos, ao invés de preservá-las como componentes autênticos e de valor histórico.

As diretrizes para a preservação das cores do patrimônio eclético, assim como da tipologia luso-brasileira, frequentemente apresentam especificações genéricas, carecendo de uma fundamentação mais aprofundada nas características regionais ou em estudos detalhados, como prospecções ou a existência de um acervo técnico que forneça referências específicas sobre as cores desses edifícios. Essas diretrizes, em geral, demonstram maior preocupação com a harmonia do conjunto do que com as particularidades individuais de cada caso, resultando em abordagens que, muitas vezes, desconsideram as especificidades históricas e estéticas de cada edificação, talvez sendo necessário um plano de cor que atendam as necessidades locais.

Os edifícios complementares, embora não tenham sido o foco central deste trabalho, desempenharam um papel relevante para a análise geral. Ao observar dois desses edifícios de tipologia luso-brasileira localizados nas margens do centro, percebeu-se inicialmente uma tendência à descaracterização, com a aplicação de cores em matizes diferentes das utilizadas historicamente. Contudo, essa descaracterização não foi identificada de forma semelhante nos edifícios ecléticos, quando se consideraram as variáveis aplicadas na tabela e resultante nos gráficos.

A análise do cruzamento das variantes com as informações críticas levantadas nos edifícios ecléticos revelou dados significativos. A maior concentração de edificações em estado regular, destinadas ao uso não residencial e que não apresentam fidelidade aos princípios estudados localiza-se na área central do distrito-sede. Esse resultado contraria a percepção inicial das análises individuais, que indicavam uma maior preservação no centro urbano.

O estudo aponta que a ambientação urbana na zona A, composta por edifícios ecléticos, sofre influência considerável da presença de tipologias luso-brasileiras. Essa coexistência contribui para a transformação da paisagem urbana, evidenciada pelos dados que mostram que os edifícios, apesar de sua localização central, não mantêm integralmente as características tipológicas. Essa tendência de descaracterização afeta especialmente a tipologia eclética. Os resultados confirmam a influência marcante dos edifícios de tipologia luso-brasileira na composição do ambiente urbano da zona A, corroborando os achados analíticos que apontam para um processo de adaptação da paisagem às características dessa tipologia predominante.

De forma geral, acredita-se que este trabalho possa contribuir para futuras investigações sobre a camada pictórica dos edifícios ecléticos e outros estilos arquitetônicos que integram a rica história urbana de Ouro Preto.

Ao destacar a importância de salvaguardar a integridade visual desses imóveis, o trabalho também percebe a necessidade para novas pesquisas que aprofundem o entendimento sobre a aplicação das cores ao longo do tempo, garantindo que as intervenções futuras respeitem

o patrimônio cultural da cidade. Assim, ele promove um diálogo entre o passado e o presente, ajudando a preservar a memória urbana de Ouro Preto, enquanto possibilita intervenções mais qualificadas e orientadas nos edifícios que continuam a compor a paisagem da cidade.

## 9. REFERÊNCIAS.

AGUIAR, José. **A cor e a Cidade Histórica**: Estudos Cromáticos e Conservação do Patrimônio. 1. ed. rev. Porto: FAUP Publicações, 2005. 650 p. ISBN 9729483477. Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património. 1. ed. Porto: Rainho & Neves, Santa Maria da Feira, 2005.

ARQUITECTURA ocidental: **la arquitectura como história de formas significativas**. 2. ed. rev. [S. l.]: Editorial Gustavo Gili, S.L., 1984. 240 p. ISBN 978-8425211577.

BRASIL. **Decreto-Lei nº25, de 30 de novembro de 1937 – Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del0025.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm)> Acesso em: 13 de jan. 2025.

FILHO, Nestor. **Quadro da arquitetura no Brasil**: de Cabral a Dom João VI. Brasil: Imperial Novo Milenio, 2011. 232 p. ISBN 978-8599868119.

FLORENZANO, Luciana da Silva; RIBEIRO, Rosina Trevisan. Problemas contemporâneos quanto ao uso da cor em restaurações arquitetônicas. **Gestão e Gerenciamento**, [S.l.], v. 13, n. 13, p. 9-17, set. 2020. ISSN 2447-1291. Disponível em: <<https://nppg.org.br/revistas/gestaoegerenciamento/article/view/499>>. Acesso em: 13 jan. 2025.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto. Sistema de Leitura Visual da forma**. São Paulo: Escrituras, 2002.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. **Portaria n.º 312, de 20 de outubro de 2010**. Dispõe sobre os critérios para a preservação do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto em Minas Gerais e regulamenta as intervenções nessa área protegida em nível federal. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria\\_n\\_312\\_de\\_20\\_de\\_outubro\\_de\\_2010.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_312_de_20_de_outubro_de_2010.pdf)> Acesso em: 13 jan. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. **Portaria Nº 420, de 22 de dezembro de 2010.** Dispõe sobre os procedimentos a serem observados para a concessão de autorização para realização de intervenções em bens edificados tombados e nas respectivas áreas de entorno. Disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria\\_n\\_420\\_de\\_22\\_de\\_dezembro\\_de\\_2010.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_420_de_22_de_dezembro_de_2010.pdf)> Acesso em: 13 jan. 2015.

JUNQUEIRA, P; BUENO, F. **Reflexão Sobre a Produção Arquitetônica em Ouro Preto da Segunda Metade do Século XIX ao Início do Século XX: Reconhecimento e Conservação.** Sítios Históricos e Centros Urbanos, Atena Editora. 2018. Disponível em: <<https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/reflexao-sobre-a-producao-arquitetonica-em-ouro-preto-da-segunda-metade-do-seculo-xix-ao-inicio-do-xx-reconhecimento-e-preservacao>>. Acesso em: 04 jul. 2024.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **O tratamento das superfícies arquitetônicas como problema teórico da restauração.** *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 12, 2004.

LANCASTER, Michael. **Colourscape.** 1. ed. Wiley: Academy Editions, 1996. 129 p. v. 1. ISBN 978-1854904515.

LORENZONI, Hélade de Oliveira. **O Eclético.** In: XI SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 2015, Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre, 2015.

NCSCOLOUR: **Aprenda o Sistema NCS.** Disponível em: < <https://ncscolour.com/en-int/pages/the-system> >. Acesso em: 12 de maio de 2024.

PAIVA, Carlos M. S.; SOUZA, André H. M. de. **Manual para quem vive em casas tombadas.** Ouro Preto: Graphar, 2018.

PATETTA, Luciano. **Considerações sobre o Ecletismo na Europa.** In: FABRIS, Anna Teresa (org.) *Ecletismo na Arquitetura Brasileira.* São Paulo: Nobel, 1987.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 1. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2022. 258 p. ISBN 978-8539634224.

PURCELL, T. **Aesthetics, measurement and control**. *Architecture Australia*, V. 73, n. 4, p. 29-38, 1984.

QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine. **Considérations morales sur la destination des ouvrages de l'art**: Réflexions sur l'influence morale de l'art dans la société. França: Good Press, 1989. 84 p.

RIEGL, A. **Le culte moderne des monuments. Son essence et sa genèse**. Tradução do alemão por Daniel Wiczorek. Paris: Seuil, 1984.

RUSKIN, J. **The Seven Lamps of Architecture**. 6 ed. Sunnyside: George Allen, 1889.

SANTOS, Paulo. Quatro Séculos de Arquitetura. Instituto dos Arquitetos, Rio de Janeiro: IAB, v. 1, 1981.

SCHETTINO, Patrícia Thomé. JUNQUEIRA et al. **IDENTIFICAÇÃO E RECONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ECLÉTICA EM OURO PRETO: UM PRIMEIRO ESTUDO NAS REGIÕES DA BARRA E PILAR...** In: Anais do Simpósio Científico 2017 - ICOMOS BRASIL. Anais...Belo Horizonte (MG) Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2018. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/eventosicomos/60291-IDENTIFICACAO-E-RECONHECIMENTO-DA-PRODUCAO-ECLETICA-EM-OURO-PRETO--UM-PRIMEIRO-ESTUDO-NAS-REGIOES-DA-BARRA-E-PILAR>. Acesso em: 13/06/2024